

TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 983

**TIPOLOGIA SOCIOECONÔMICA DAS
FAMÍLIAS DAS GRANDES REGIÕES
URBANAS BRASILEIRAS E SEU
PERFIL DE GASTOS**

**Fernando Gaiger Silveira
Beatriz Bertasso
Luís Carlos Garcia de Magalhães**

Brasília, outubro de 2003

TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 983

TIPOLOGIA SOCIOECONÔMICA DAS FAMÍLIAS DAS GRANDES REGIÕES URBANAS BRASILEIRAS E SEU PERFIL DE GASTOS*

Fernando Gaiger Silveira**

Beatriz Bertasso***

Luís Carlos Garcia de Magalhães**

Brasília, outubro de 2003

* Agradecemos os comentários e as críticas do Professor Rodolfo Hoffman.

** Técnicos da Diretoria de Estudos Setoriais do Ipea.

*** Doutoranda do Instituto de Economia da Unicamp.

Governo Federal

**Ministério do Planejamento,
Orçamento e Gestão**

Ministro – Guido Mantega

Secretário-Executivo – Nelson Machado

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Glauco Antonio Truzzi Arbix

Diretor de Administração e Finanças

Celso dos Santos Fonseca

Diretor de Cooperação e Desenvolvimento

Maurício Otávio Mendonça Jorge

Diretor de Estudos Macroeconômicos

Ricardo Varsano

Diretor de Estudos Regionais e Urbanos

Luiz Henrique Proença Soares

Diretor de Estudos Setoriais

Mário Sérgio Salerno

Diretora de Estudos Sociais

Anna Maria T. Medeiros Peliano

Assessor-Chefe de Comunicação

Murilo Lôbo

TEXTO PARA DISCUSSÃO

Publicação cujo objetivo é divulgar resultados de estudos direta ou indiretamente desenvolvidos pelo Ipea, os quais, por sua relevância, levam informações para profissionais especializados e estabelecem um espaço para sugestões.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e de inteira responsabilidade do (s) autor (es), não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou o do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

A produção editorial desta publicação contou com o apoio financeiro do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, via Programa Rede de Pesquisa e Desenvolvimento de Políticas Públicas – Rede-Ipea, o qual é operacionalizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – Pnud, por meio do projeto BRA 97/013.

SUMÁRIO

SINOPSE

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO 7

2 METODOLOGIA 7

3 RESULTADOS 12

ANEXOS 34

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 38

SINOPSE

A elaboração de uma tipologia socioeconômica das famílias metropolitanas brasileiras e a análise dos perfis de gastos e de recebimento desses grupos familiares são os principais resultados do presente trabalho. Para tanto, valeu-se da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 1995-1996 realizada pelo IBGE, que abrangeu os onze principais centros urbanos do país, representando, na época, 29,5% da população nacional.

Utilizou-se a família como unidade de investigação, uma vez que são as famílias o locus de decisão quanto ao consumo, sendo este definido em razão das características sociais, econômicas e demográficas da família. Assim, selecionaram-se 24 variáveis que, *grosso modo*, retratam o nível de renda da família, as características da pessoa de referência, a qualidade do domicílio, o tamanho e a composição da família e a importância dos gastos alimentares. Aplicou-se a esse conjunto de variáveis o método de análise fatorial/componentes principais, chegando-se a cinco componentes, os quais respondem por 58,6% da variância total das variáveis. Cada um desses fatores/componentes sintetiza um aspecto socioeconômico e demográfico das famílias, tendo sido assim designados: riqueza, tamanho das famílias, idade do “chefe” e da família, dependência e padrão alimentar. Em um segundo momento, aplicou-se o método de classificação – cluster analysis – aos valores dos cinco fatores, identificando-se, então, dez grupos familiares – grupos estes distintos uns dos outros e representativos das famílias metropolitanas brasileiras.

Verificou-se a presença de perfis de gastos e de recebimento bem definidos, tendo em conta as características de cada um dos grupos. Conforme o esperado, os grupos familiares pobres apresentam elevada participação dos gastos com alimentos básicos, transporte urbano, remédios e fumo, enquanto nos grupos de maior renda, destacam-se os gastos com habitação, serviços públicos, planos de saúde e, quando contam com significativa presença de crianças e adolescentes, com educação. Por outro lado, nos grupos familiares em que há uma maior presença de idosos, destacam-se os gastos com a saúde e com a alimentação no domicílio. No que concerne ao recebimento, prevalecem, nos grupos pobres, os rendimentos oriundos do trabalho de empregado e do de conta-própria, enquanto nos grupos de maior renda, os rendimentos de empregador e provenientes de aplicações financeiras encontram-se bem acima da média dos grupos. Quanto às transferências, especialmente, as aposentadorias se destacam nos grupos familiares com “chefes” idosos. Assim, cabe destacar que, além da renda, o tamanho da família, a sua composição etária e a idade do “chefe” são extremamente importantes na definição do padrão de consumo das famílias.

ABSTRACT

The aim of this paper is to elaborate a typology of the Brazilian metropolitan families socioeconomic and to analysis the profile of the expenditures and income of these groups of families. Therefore, we took advantage of the families budget's research (POF) from 1995-1996 accomplished by IBGE, which included the eleven main brazilian cities that represented 29,5% of the national population that period.

The research used the family as a unit of inquiry since they are the "locus" of the decision on consumption. Consumption is defined according to socio, economic and demography attributes. Thus, 24 variables were selected to point out the level of family's revenue, the quality of the dwelling, the size and the composition of the families and the importance of alimentary spending. It was applied to that group of variables the method of analysis factorial/principal components, achieving five components, that are responsible for 58,6% of the total variance of the variables. Each one of those factories/components synthesizes one socioeconomic and demographic aspect of the families, having been designated in this way: wealth, size of the families, age of the family's head, dependence and alimentary pattern. In a second moment, the classification method was applied – cluster analysis – to the values of the five factors, identifying ten family groups. These groups differ from each other and represent the Brazilian metropolitan families.

According to the characteristics of each group, it was defined spending and receiving profiles. As it was expected, the poor family groups show a high participation on the basic victuals spending, urban transport, medicines and fume, while on groups with larger income, the spending with habitation, public services, health insurance and education, when there are significant presence of children and adolescents are higher. On the other hand, in groups with prevailing elderly the expenditure on the health and the homemade food are the most significant. In what it concerns to the receiving, prevail, in the poor groups, the revenues originates from employee's work and self-employment, while in the groups with larger income, the employer's revenues and financial applications are above the average of the groups. As to the "transfers", especially, the pensions, those are high (emphasized) on the groups with elderly head. Therefore, it is worth to stress that besides the income, the family size, its age composition and the head age are very important to define pattern of families consumption.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é identificar grupos socioeconômicos relativamente homogêneos entre as famílias brasileiras metropolitanas e analisar, numa primeira aproximação, seus perfis de gastos.

Ainda que seja bastante relevante conhecer o comportamento médio dos agentes, acredita-se que a possibilidade de respeitar as especificidades dos distintos grupos traga importantes ganhos à qualidade da análise.

O trabalho será subdividido em três seções. Além desta breve introdução, será apresentada, na segunda seção, a metodologia utilizada – os dados e o método de agrupamento das famílias – e, na terceira, a análise das características dos diferentes grupos socioeconômicos quanto a suas estruturas de gastos.

2 METODOLOGIA

2.1 BASE DE DADOS

Tendo em vista os objetivos do trabalho, a base de dados utilizada é a Pesquisa de Orçamentos Familiares, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre outubro de 1995 e setembro de 1996, a POF 1995-1996 do IBGE.

A POF 1995-1996 reuniu dados de 16.060 famílias das regiões metropolitanas de Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre, além de Brasília (DF) e do município de Goiânia. Essa amostra representa 12.544.069 famílias brasileiras, correspondendo a 29,54% da população residente no país no período (46.393.223 famílias com 157.070.163 pessoas).¹

Apesar de a pesquisa também fornecer dados domiciliares e pessoais, a unidade de investigação aqui utilizada é a família. A unidade familiar é de grande relevância para a estruturação de políticas sociais.

Da amostra da POF 1995-1996, não foram utilizadas as observações (famílias) que não apresentaram informações sobre a idade de cada um dos seus componentes, o nível de instrução do “chefe” da família, as que não declararam rendimentos ou despesas e as que não apresentaram nenhum gasto alimentar. Assim, das 16.060 famílias entrevistadas pelo IBGE, somente 15.512 foram objeto de estudo, o que representa, na população, 12.118.658 famílias e 45.122.380 pessoas.

1. Dados da contagem populacional de 1996 (Anuário Estatístico do Brasil, 1997).

2.2 AS VARIÁVEIS

A partir da base de dados da POF 1995-1996, foram selecionadas algumas variáveis socioeconômicas que caracterizariam as famílias metropolitanas brasileiras.

Estabeleceram-se cinco grupos de variáveis que poderiam ser determinantes de diferentes padrões socioeconômicos. Esses grupos estariam associados: *i*) à renda familiar; *ii*) às características das pessoas de referência (“chefes”) das famílias; *iii*) à “qualidade” dos domicílios e ao “tamanho” das famílias (número de familiares); *iv*) à composição etária das famílias; e, finalmente; *v*) ao seu padrão de gastos alimentares.

Os grupos de variáveis podem ser observados no quadro 1, e as correlações entre as variáveis, na tabela 1.

Todas as análises estatísticas foram feitas utilizando-se os fatores de ponderação (fatores de expansão da amostra) fornecidos pelo IBGE para a família.

QUADRO 1

Grupos de variáveis

(Em porcentagem)

Grupo 1: Renda ¹	
LRPERCAP	Logaritmo da renda familiar per capita
INSUFMRC	Insuficiência de renda ²
LDSPPER	Logaritmo do desembolso familiar per capita
AUTSOM	Número de automóveis por família
MAQSOM	Número de máquinas de lavar roupa por família
MICSOM	Número de fornos de microondas por família
Grupo 2: Características da pessoa de referência da família	
IDADECHF	Idade do “chefe” da família
SEXOCHEF	Sexo do “chefe” da família (Masculino: 1; Feminino: 0)
INSTRCHF	Anos de estudo do “chefe” da família
Grupo 3: Qualidade dos domicílios e “tamanho” das famílias	
TOTPES	Número de pessoas na família
ADULTEQ	Número de adultos-equivalente da família ³
ABASTH2O	Abastecimento de água do domicílio (Bom: 1; Ruim: 0)
ESGOTAM	Esgotamento sanitário do domicílio (Bom:1; Ruim: 0)
DENSMOR	Densidade: número de pessoas moradoras em relação ao número de cômodos do domicílio
Grupo 4: Composição etária das famílias	
FAIXAE1 ⁴	Proporção de pessoas de 0 a 10 anos na família
FAIXAE2 ⁴	Proporção de pessoas de 10 a 20 anos na família
FAIXAE3 ⁴	Proporção de pessoas de 20 a 30 anos na família
FAIXAE4 ⁴	Proporção de pessoas de 30 a 50 anos na família
FAIXAE5 ⁴	Proporção de pessoas de 50 a 65 anos na família
FAIXAE6 ⁴	Proporção de pessoas de 65 a 120 anos na família
PROPDEP	Proporção de dependentes na família ⁴
Grupo 5: “Peso” dos gastos alimentares	
WNODOM	Participação da “alimentação no domicílio” nos gastos alimentares das famílias
WFORA	Participação da “alimentação fora de domicílio” nos gastos alimentares das famílias
SALIM	Participação dos gastos alimentares no desembolso das famílias

Elaboração dos autores.

Notas: *Intervalos fechados no limite superior.

¹Todos os dados de “valor” referem-se a valores de setembro de 1996.

²Variável binária indicando se a renda familiar *per capita* é inferior à linha de indigência regional – assume valor 1 se há insuficiência de renda. As linhas de indigência regional foram retiradas de Arias (1999).

³A transformação das pessoas em adultos-equivalente foi feita com base nas suas idades (Rocha, 1998).

⁴Pessoas com menos ou 10 anos de idade e com 65 anos ou mais em relação ao número total de pessoas na família.

TABELA 1

Matriz de correlações

	WNODOM	WFORA	SALIM	FAIXAE1	FAIXAE2	FAIXAE3	FAIXAE4	FAIXAE5	FAIXAE6	TOTPES	ADULTEQ	PROPDEP
WNODOM	1,000	-1,000	0,110	0,093	0,026	-0,115	-0,118	0,043	0,113	0,060	0,028	0,167
WFORA	-1,000	1,000	-0,110	-0,093	-0,026	0,115	0,118	-0,043	-0,113	-0,060	-0,028	-0,167
SALIM	0,110	-0,110	1,000	0,079	0,018	-0,043	-0,084	0,011	0,046	0,072	0,052	0,101
FAIXAE1	0,093	-0,093	0,079	1,000	-0,255	0,010	-0,068	-0,318	-0,259	0,359	0,168	0,519
FAIXAE2	0,026	-0,026	0,018	-0,255	1,000	-0,298	0,009	-0,177	-0,209	0,343	0,427	-0,388
FAIXAE3	-0,115	0,115	-0,043	0,010	-0,298	1,000	-0,450	-0,129	-0,191	-0,069	-0,070	-0,167
FAIXAE4	-0,118	0,118	-0,084	-0,068	0,009	-0,450	1,000	-0,333	-0,257	-0,075	-0,031	-0,293
FAIXAE5	0,043	-0,043	0,011	-0,318	-0,177	-0,129	-0,333	1,000	-0,055	-0,214	-0,172	-0,216
FAIXAE6	0,113	-0,113	0,046	-0,259	-0,209	-0,191	-0,257	-0,055	1,000	-0,260	-0,262	0,653
TOTPES	0,060	-0,060	0,072	0,359	0,343	-0,069	-0,075	-0,214	-0,260	1,000	0,960	0,031
ADULTEQ	0,028	-0,028	0,052	0,168	0,427	-0,070	-0,031	-0,172	-0,262	0,960	1,000	-0,117
PROPDEP	0,167	-0,167	0,101	0,519	-0,388	-0,167	-0,293	-0,216	0,653	0,031	-0,117	1,000
ABASTH2O	-0,058	0,058	-0,189	-0,114	-0,030	-0,011	0,050	0,040	0,044	-0,076	-0,046	-0,045
DENSMOR	0,119	-0,119	0,204	0,378	0,191	0,013	-0,109	-0,194	-0,206	0,567	0,501	0,095
ESGOTAM	-0,088	0,088	-0,205	-0,128	-0,029	-0,025	0,059	0,045	0,057	-0,117	-0,088	-0,046
IDADECHF	0,088	-0,088	0,045	-0,434	-0,079	-0,375	-0,141	0,423	0,608	-0,056	-0,001	0,225
SEXOCHEF	-0,049	0,049	0,005	0,112	-0,034	0,065	0,073	-0,081	-0,142	0,171	0,200	-0,045
INSTRCHF	-0,237	0,237	-0,299	0,009	-0,062	0,078	0,160	-0,095	-0,124	-0,148	-0,144	-0,104
LRPERCAP	-0,302	0,302	-0,401	-0,311	-0,176	0,052	0,150	0,120	0,089	-0,330	-0,270	-0,151
INSUFMRC	0,177	-0,177	0,279	0,272	0,103	-0,050	-0,099	-0,091	-0,076	0,260	0,197	0,134
LDSPPER	-0,321	0,321	-0,399	-0,283	-0,159	0,072	0,153	0,098	0,045	-0,338	-0,284	-0,170
AUTSOM	-0,163	0,163	-0,286	-0,070	-0,021	-0,008	0,088	0,033	-0,044	0,036	0,070	-0,095
MAQSOM	-0,115	0,115	-0,265	-0,075	-0,003	-0,062	0,068	0,040	0,019	0,016	0,039	-0,038
MICSOM	-0,139	0,139	-0,223	-0,084	-0,022	-0,034	0,076	0,025	0,020	-0,054	-0,036	-0,045

	ABASTH2O	DENSMOR	ESGOTAM	IDADECHF	SEXOCHEF	INSTRCHF	LRPERCAP	INSUFMRC	LDSPPER	AUTSOM	MAQSOM	MICSOM
WNODOM	-0,058	0,119	-0,088	0,088	-0,049	-0,237	-0,302	0,177	-0,321	-0,163	-0,115	-0,139
WFORA	0,058	-0,119	0,088	-0,088	0,049	0,237	0,302	-0,177	0,321	0,163	0,115	0,139
SALIM	-0,189	0,204	-0,205	0,045	0,005	-0,299	-0,401	0,279	-0,399	-0,286	-0,265	-0,223
FAIXAE1	-0,114	0,378	-0,128	-0,434	0,112	0,009	-0,311	0,272	-0,283	-0,070	-0,075	-0,084
FAIXAE2	-0,030	0,191	-0,029	-0,079	-0,034	-0,062	-0,176	0,103	-0,159	-0,021	-0,003	-0,022
FAIXAE3	-0,011	0,013	-0,025	-0,375	0,065	0,078	0,052	-0,050	0,072	-0,008	-0,062	-0,034
FAIXAE4	0,050	-0,109	0,059	-0,141	0,073	0,160	0,150	-0,099	0,153	0,088	0,068	0,076
FAIXAE5	0,040	-0,194	0,045	0,423	-0,081	-0,095	0,120	-0,091	0,098	0,033	0,040	0,025
FAIXAE6	0,044	-0,206	0,057	0,608	-0,142	-0,124	0,089	-0,076	0,045	-0,044	0,019	0,020
TOTPES	-0,076	0,567	-0,117	-0,056	0,171	-0,148	-0,330	0,260	-0,338	0,036	0,016	-0,054
ADULTEQ	-0,046	0,501	-0,088	-0,001	0,200	-0,144	-0,270	0,197	-0,284	0,070	0,039	-0,036
PROPDEP	-0,045	0,095	-0,046	0,225	-0,045	-0,104	-0,151	0,134	-0,170	-0,095	-0,038	-0,045
ABASTH2O	1,000	-0,312	0,381	0,077	0,013	0,209	0,281	-0,272	0,275	0,153	0,206	0,110
DENSMOR	-0,312	1,000	-0,251	-0,197	0,085	-0,294	-0,478	0,391	-0,490	-0,226	-0,245	-0,207
ESGOTAM	0,381	-0,251	1,000	0,081	-0,018	0,246	0,346	-0,305	0,342	0,195	0,286	0,176
IDADECHF	0,077	-0,197	0,081	1,000	-0,202	-0,249	0,113	-0,090	0,054	0,039	0,093	0,053
SEXOCHEF	0,013	0,085	-0,018	-0,202	1,000	0,109	0,041	-0,037	0,026	0,172	0,050	0,046
INSTRCHF	0,209	-0,294	0,246	-0,249	0,109	1,000	0,546	-0,325	0,553	0,390	0,362	0,363
LRPERCAP	0,281	-0,478	0,346	0,113	0,041	0,546	1,000	-0,666	0,859	0,508	0,449	0,450
INSUFMRC	-0,272	0,391	-0,305	-0,090	-0,037	-0,325	-0,666	1,000	-0,548	-0,278	-0,314	-0,208
LDSPPER	0,275	-0,490	0,342	0,054	0,026	0,553	0,859	-0,548	1,000	0,520	0,448	0,452
AUTSOM	0,153	-0,226	0,195	0,039	0,172	0,390	0,508	-0,278	0,520	1,000	0,442	0,456
MAQSOM	0,206	-0,245	0,286	0,093	0,050	0,362	0,449	-0,314	0,448	0,442	1,000	0,392
MICSOM	0,110	-0,207	0,176	0,053	0,046	0,363	0,450	-0,208	0,452	0,456	0,392	1,000

Fonte: POF 1995-1996 – IBGE. Elaboração dos autores.

Como é possível observar, existem altas correlações não só entre as variáveis dos grupos preestabelecidos, mas também entre variáveis de diferentes grupos.

A proporção de crianças de 0 a 10 anos de idade e de idosos nas famílias (FAIXAE1 e FAIXAE6) correlaciona-se forte e positivamente com a variável proporção de dependentes (PROPDEP), o que não ocorre com as demais faixas etárias. Apesar de o número de crianças na população ser muito maior que o de idosos (9.254.714 crianças contra 2.395.190 idosos), a correlação entre o último grupo e a variável “proporção de dependentes” foi mais forte, o que reflete a existência de famílias compostas apenas por pessoas de 65 anos ou mais.

Correlações fortes e positivas também foram encontradas entre as variáveis TOTPES (número de pessoas na família), ADULTEQ (número de adultos-equivalente da família) e DENSMOR (densidade de moradores) – um resultado esperado. As variáveis ABASTH2O (abastecimento de água do domicílio) e ESGOTAM (esgotamento sanitário do domicílio) correlacionaram-se negativamente com a densidade de moradores (DENSMOR) e positivamente com o nível de renda familiar *per capita* (LRPERCAP), assim como com o nível de instrução do “chefe” do domicílio (INSTRCHF). Em outras palavras, as condições de saneamento básico tendem a ser piores nos domicílios mais densamente povoados, pobres e cujo “chefe” possui baixa instrução.

A densidade de moradores do domicílio (DENSMOR) tende a ser maior nas famílias em que existe grande proporção de crianças, nas famílias em que o nível de instrução do “chefe” é baixo, assim como naquelas com baixo nível de renda familiar *per capita*. A variável DENSMOR correlaciona-se positivamente com a INSUFMRC, ou seja, quanto maior a densidade de moradores nos domicílios, maior a probabilidade de a renda estar abaixo da linha de pobreza.

As correlações encontradas entre as variáveis que caracterizam os “chefes” das famílias (idade, sexo e nível de instrução) foram baixas. Tanto o nível de instrução (INSTRCHF) como o sexo (SEXOCHEF) correlacionaram-se negativamente com a idade do “chefe” (IDAECHF) – quanto mais velho este for, menor tende a ser sua escolaridade e maior é a probabilidade de ser do sexo feminino. Esses resultados são compatíveis com a realidade de maior esperança de vida para as mulheres do que para os homens e de crescente nível de instrução para as gerações mais novas.

Fora do grupo específico (grupo 2), a idade do “chefe” (IDAECHF) relaciona-se negativamente com a proporção de crianças nas famílias (FAIXAE1) e com a proporção de jovens de 20 a 30 anos de idade (FAIXAE3), o que indica que as famílias com alta proporção de crianças tendem a ser chefiadas por pessoas relativamente jovens e, ainda, a existência de famílias formadas apenas por jovens. A correlação entre a idade do “chefe” e a proporção de pessoas de 51 anos ou mais nas famílias (FAIXAE5 e FAIXAE6) é forte e positiva, sinalizando que muitos “chefes” devem estar nessas faixas etárias e/ou que famílias com “chefes” nessa faixa etária não têm mais seus filhos morando no mesmo domicílio.

O número de anos de estudo do “chefe” da família (INSTRCHF), além de estar positivamente ligado à qualidade do saneamento dos domicílios (ABASTH2O e ESGOTAM), também apresenta alta correlação positiva com as variáveis associadas ao nível de renda familiar e à participação dos gastos alimentares em alimentação fora dos domicílios (WFORA). Quanto maior a instrução do “chefe”, menor a participação dos gastos alimentares no seu desembolso global (SALIM) e maior a proporção de gastos em consumo alimentar fora dos domicílios nas despesas com alimentação em geral (WFORA).

As variáveis do grupo 1 (associadas à “renda”), além da relação com as demais, apresentaram altas correlações entre si.

Quanto maior o nível de renda ou desembolso familiar *per capita*, menor a participação da alimentação no domicílio no orçamento alimentar (WNODOM), e menor a participação do orçamento alimentar no desembolso geral das famílias (SALIM) – o que respeita a lei de Engel. A renda familiar *per capita* correlaciona-se negativamente com a presença de crianças (FAIXAE1) e com as variáveis que denotam o tamanho das famílias (TOTPES, ADULTEQ, DENSMOR).

2.3 MÉTODOS

A base de dados aqui utilizada constitui uma matriz de n observações para k variáveis. O elemento X_{ij} dessa matriz é a i -ésima característica socioeconômica da j -ésima família. A matriz pode ser analisada tanto no espaço das observações (famílias) quanto no espaço das variáveis (características socioeconômicas).

A proposta do estudo é gerar grupos de observações (famílias) que apresentariam diferentes características socioeconômicas.

Para tanto, julga-se interessante reduzir o número de variáveis a ser utilizadas na classificação das observações, o que se fará por meio do método dos componentes principais da análise fatorial.

A técnica de Componentes Principais simplifica a representação da estrutura dos dados, e seus resultados podem ser utilizados em substituição às variáveis originais para gerar a classificação das observações. A justificativa para se partir da análise de componentes principais e não das variáveis originais é que aquela pode funcionar como um “filtro” da informação bruta, selecionado e conservando apenas as informações mais importantes do conjunto de variáveis da base de dados (ver Kageyama, 1999).

Essa técnica estabelece combinações lineares das variáveis originais que “explicam” o máximo da sua variância. De forma simplificada, cada componente principal, (ou fator) passa a representar um grupo de variáveis altamente correlacionadas entre si. Para uma apresentação algébrica da técnica, indica-se Hoffmann (1999).

As técnicas de classificação, por sua vez, consideram indivíduos semelhantes aqueles que apresentam coordenadas mais próximas. A partir de suas distâncias dois a dois,² o conjunto de observações é dividido em agrupamentos o mais semelhantes possível (Kageyama e Leone, 1999).

Aqui é utilizado um método de classificação hierárquica ascendente, que agrupa as observações sucessivamente, de forma que se gerem grupos de observações que possuam as menores somas de quadrado dos desvios em relação às médias dos grupos (dado o número de agrupamentos proposto) – o método de Ward (Everitt, 1993).

2. A medida de distância mais comumente usada nos métodos de classificação é a distância euclidiana.

3 RESULTADOS

3.1 OS FATORES

A partir da matriz de correlações entre as 24 variáveis socioeconômicas apresentadas no quadro 1, foram extraídos os cinco primeiros componentes principais. O uso da matriz de correlações corresponde a substituir as variáveis originais pelas respectivas variáveis reduzidas, todas com variância igual a 1. Para facilitar a interpretação dos resultados, foi feita uma rotação pelo método Varimax.

Na tabela 2, são apresentadas as cargas fatoriais, isto é, as correlações entre cada variável e cada fator (após a rotação). Essas correlações permitem identificar o peso relativo das variáveis na composição de cada fator e caracterizá-lo.

A soma dos quadrados das cargas fatoriais em cada fator (colunas) reproduz a correspondente raiz característica, que dividida pelo número de variáveis dá a proporção da variância total das variáveis reduzidas explicada pelo fator. Assim, o fator 1 explica 18,81% da variância total das variáveis (reduzidas); os fatores 2, 3, 4 e 5 explicam, respectivamente, 11,46%, 10,08%, 9,40% e 8,83%; e o conjunto de fatores (1 a 5) explica 58,58% da variância total das variáveis (reduzidas).

A tabela 2 mostra, ainda, a proporção da variância de cada variável explicada pelos fatores, denominada *comunalidade*. A contribuição de um fator para a comunalidade de uma determinada variável é dada pelo quadrado da respectiva carga fatorial.

TABELA 2

Componentes principais

Variáveis	FATOR 1	FATOR 2	FATOR 3	FATOR 4	FATOR 5	Comunalidade
WNODOM	-0,148	0,020	0,031	0,062	-0,971	0,971
WFORA	0,148	-0,020	-0,031	-0,062	0,971	0,971
SALIM	-0,517	0,050	0,074	0,111	-0,004	0,288
FAIXAE1	-0,167	0,143	-0,783	0,309	-0,116	0,770
FAIXAE2	-0,075	0,560	0,242	-0,453	-0,040	0,584
FAIXAE3	-0,089	-0,353	-0,401	-0,112	0,204	0,348
FAIXAE4	0,200	0,024	-0,047	-0,397	-0,010	0,201
FAIXAE5	0,013	-0,154	0,559	-0,042	-0,016	0,339
FAIXAE6	0,075	-0,130	0,397	0,781	-0,058	0,793
TOTPE	-0,119	0,895	-0,268	0,007	-0,010	0,886
ADULTEQ	-0,074	0,912	-0,136	-0,106	0,022	0,868
PROPDEP	-0,062	-0,017	-0,222	0,928	-0,136	0,933
ABASTH2O	0,437	-0,052	0,095	-0,027	-0,070	0,208
DENSMOR	-0,466	0,525	-0,330	0,030	-0,024	0,603
ESGOTAM	0,501	-0,052	0,096	-0,008	-0,036	0,265
IDADECHF	0,101	0,148	0,773	0,477	-0,033	0,858
SEXOCHEF	0,133	0,170	-0,327	-0,087	0,033	0,162
INSTRCHF	0,643	-0,165	-0,295	-0,150	0,126	0,566
LRPERCAP	0,816	-0,262	0,115	-0,052	0,220	0,799
INSUFMRC	-0,601	0,235	-0,152	0,081	-0,108	0,458
LDSPPER	0,796	-0,276	0,073	-0,083	0,236	0,778
AUTSOM	0,695	0,160	-0,075	-0,013	0,090	0,523
MAQSOM	0,685	0,156	0,005	0,049	0,011	0,496
MICSOM	0,614	0,078	-0,031	0,042	0,071	0,391
Proporção da variância explicada, por fator	18,81	11,46	10,08	9,40	8,83	
Proporção da variância explicada, acumulada	18,81	30,27	40,35	49,75	58,58	

Fonte: POF 1995-1996 – IBGE. Elaboração dos autores.

No Fator 1, dessa forma, observa-se que grande parte da variância das variáveis socioeconômicas captada refere-se às variáveis relacionadas diretamente ao nível de renda familiar *per capita* (LRPERCAP, INSUFMRC, LDSPPER, AUTSOM, MAQSOM, MICSOM); ao nível de instrução do “chefe” da família (INSTRCHF); às condições de moradia da família (ABASTH2O, ESGOTAM); à densidade de moradores por cômodo (DENSMOR); e à proporção dos gastos com alimentação no desembolso familiar (SALIM).

O Fator 1 associa altos níveis de renda *per capita* a um número relativamente maior de anos de estudo, às boas condições de moradia e à baixa participação dos gastos alimentares no desembolso global da família, podendo-se designá-lo de “fator riqueza”.

Para o Fator 2, observa-se alta correlação com a variável FAIXAE2 (alta proporção de adolescentes nas famílias), com as variáveis relacionadas ao “tamanho” da família (TOTPES, ADULTEQ) e com a densidade de moradores no domicílio (DENSMOR). Assim, a presença de adolescentes associa-se a famílias relativamente grandes, e este fator será denominado de “tamanho das famílias”.

O Fator 3 associa-se negativamente à proporção de crianças e jovens (FAIXAE1 e FAIXAE3), positivamente à proporção de pessoas de 51 anos de idade ou mais (FAIXAE5 e FAIXAE6) e, em grande medida, à idade do “chefe” da família (IDADECHF). Quanto mais velho o “chefe” da família, menor tende a ser a proporção de crianças e jovens nesta. Esse fator será chamado nesta “idade do chefe”.

O Fator 4 correlaciona-se principalmente à baixa proporção de adolescentes e de pessoas na faixa etária de 30 a 50 anos (FAIXAE2 e FAIXAE4), à alta proporção de crianças e idosos (FAIXAE1 e FAIXAE6); à alta proporção de dependentes (PROP-DEP) e à idade mais elevada dos “chefes” de família (IDADECHF). Esse fator passará a ser chamado de “dependência”, e na análise subsequente deve-se ter em conta que, nesse fator, o maior peso atribuído à dependência deve-se à presença de pessoas idosas.

Finalmente, o Fator 5 concentra informações sobre os hábitos alimentares – a participação dos gastos alimentares “no” ou “fora do” domicílio – e será identificado como “padrão alimentar”.

3.2 OS GRUPOS FAMILIARES

Aplicando o método de classificação (*cluster analysis*) aos valores dos cinco fatores descritos, foram determinados dez grupos familiares.

A determinação do número de grupos é, segundo a metodologia, arbitrária. A opção aqui adotada deve-se aos resultados obtidos – o estabelecimento de um número razoável de grupos, com características relativamente marcantes e distintas entre si.

Na tabela 3, podem ser observados os grupos, a sua representatividade na população abrangida pela POF e os respectivos valores médios dos fatores. Nas tabelas 4 e 5 são apresentados, para cada um dos dez grupos, os valores médios de indicadores socioeconômicos e demográficos – a composição etária familiar, a idade do “chefe”, a proporção de dependentes, o recebimento mensal familiar *per capita* (chamado, muitas vezes, de renda *per capita*), o desembolso médio mensal familiar *per capita*, a esco-

laridade do “chefe”, o “tamanho” da família, as faixas etárias mais expressivas e a participação da alimentação extradomiciliar no orçamento alimentar.

Quando da aplicação dos (*principal components model*) métodos de componentes principais e de agrupamentos (*cluster analysis*), sendo a família a unidade básica de análise, as observações foram ponderadas pelos fatores de expansão da amostra fornecidos pelo IBGE. Para o cálculo dos valores médios dos indicadores socioeconômicos e demográficos de cada grupo familiar, quando estes se referiam às pessoas (proporção de pessoas de cada faixa de idade no total de pessoas na família, desembolso familiar mensal *per capita*, recebimento mensal familiar *per capita* e gastos mensais familiares *per capita* com consumo), o fator de ponderação utilizado foi o resultado do produto do fator de expansão do IBGE pelo número de pessoas da família.

TABELA 3
Os grupos familiares

Grupos	Total de famílias		Total de pessoas	Fator 1 riqueza	Fator 2 tamanho família	Fator 3 idade do “chefe”	Fator 4 dependência	Fator 5 padrão alimentar
	Amostra	Universo (1000)	Universo (1000)					
Geral	15.512	12.119	45.122					
1	241	1.981	8.908	0,892	0,684	-0,007	-0,447	-0,155
2	1.578	1.339	4.138	0,292	-0,539	-0,660	0,059	1,567
3	158	1.341	2.64	0,172	-1,136	0,117	-0,936	-0,263
4	1.674	1.441	5.172	0,372	-0,440	-1,245	0,270	-0,666
5	2.819	2.093	7.663	-0,489	0,119	0,719	-0,673	-0,530
6	434	461	706	0,282	-0,748	1,262	3,082	-0,483
7	1.342	1.122	3.298	0,052	-0,211	1,054	1,152	-0,051
8	1.939	1.178	5.844	-1,214	0,392	-0,964	0,474	-0,285
9	795	433	3.535	-0,725	2,317	0,019	0,284	0,276
10	941	731	3.215	-0,472	0,535	0,540	-0,428	1,539

Fonte: POF 1995-1996 – IBGE. Elaboração dos autores.

TABELA 4
Composição etária e proporção média de dependentes dos grupos familiares

Grupos	FAIXAE1	FAIXAE2	FAIXAE3	FAIXAE4	FAIXAE5	FAIXAE6	PROPDEP
1	13,66	32,16	10,13	35,87	7,27	0,90	14,56
2	28,95	3,94	32,67	26,54	5,52	2,38	31,33
3	0,09	8,64	38,30	37,21	15,70	0,05	0,15
4	44,27	1,72	24,63	28,26	0,74	0,37	44,64
5	8,07	33,61	10,87	28,82	17,57	1,07	9,14
6	0,06	0,02	0,02	0,54	0,78	98,58	98,65
7	7,17	8,27	10,63	17,56	23,02	33,35	40,52
8	43,83	13,62	17,83	20,16	2,72	1,84	45,67
9	23,57	32,38	13,37	20,12	6,11	4,45	28,02
10	9,27	32,47	17,30	27,24	12,04	1,67	10,94
Total	20,51	20,34	17,27	27,25	9,32	5,31	25,82

Fonte: POF 1995-1996 – IBGE. Elaboração dos autores.

TABELA 5

Recebimento mensal familiar per capita, desembolso mensal familiar per capita, “poupança”, idade do “chefe”, escolaridade do “chefe”, tamanho da família, proporção da alimentação fora do domicílio no orçamento alimentar, faixas etárias de maior expressão nas famílias

Grupos	Recebimento per capita (A)	Desembolso per capita (B)	Superávit orçamentário $(((A-B)/A) * 100)$ ¹	Idade do “chefe”	Anos de estudo do “chefe”	Tamanho médio da família	Média da proporção da alimentação fora do domicílio ²	Faixas etárias de maior expressão na família ¹			
								Primeira	%	Segunda	%
1	690,66	566,88	17,92	44,29	10,9	4,5	20,3	FAIXAE4	35,87	FAIXAE2	32,16
2	757,96	688,24	9,20	36,55	11,2	3,1	63,6	FAIXAE3	32,67	FAIXAE4	26,54
3	797,25	691,78	13,23	38,79	10,0	2,0	14,5	FAIXAE3	38,30	FAIXAE4	37,21
4	477,55	436,73	8,55	32,95	10,5	3,6	7,0	FAIXAE1	44,27	FAIXAE4	28,26
5	204,33	174,94	14,38	48,27	6,5	3,7	6,3	FAIXAE2	33,61	FAIXAE4	28,82
6	772,35	566,55	26,65	74,62	6,8	1,5	3,4	FAIXAE6	98,58	FAIXAE5	0,78
7	672,07	533,45	20,63	67,60	6,7	2,9	16,3	FAIXAE6	33,35	FAIXAE5	23,02
8	82,9	82,91	-0,01	36,86	5,8	5,0	8,6	FAIXAE1	43,83	FAIXAE4	20,16
9	140,51	126,32	10,10	53,20	5,0	8,2	19,3	FAIXAE2	32,38	FAIXAE1	23,57
10	280,69	238,68	14,97	47,74	7,0	4,4	59,3	FAIXAE2	32,47	FAIXAE4	27,24
Total	444,94	380,81	14,41	45,28	8,5	3,7	20,6	FAIXAE4	27,25	FAIXAE1	20,51

Fonte: POF 1995-1996 – IBGE. Elaboração dos autores.

Nota: ¹ Não se observa correspondência entre o recebimento e o desembolso, podendo-se afirmar que, quando há superávit, algumas despesas não foram discriminadas. Isso porque o desembolso abrange todos os gastos efetuados com consumo, com impostos e contribuições, com pagamento de dívidas e com as aplicações financeiras. E, por outro lado, no caso do recebimento, são investigados todos os ganhos com trabalho, com transferências, com aluguéis, com vendas, com empréstimos e com aplicações de capital. Cabe citar, nesse sentido, que nos dados publicados pelo IBGE observam-se déficits orçamentários de envergadura para as famílias de renda inferior. Efetivamente, para o total das áreas, as famílias com renda de até três salários mínimos apresentam, até mesmo, déficits orçamentários para as despesas de consumo. O déficit entre recebimento total e desembolso global estende-se até as famílias com renda inferior a oito salários mínimos.

² Para se chegar este valor, considerou-se, primeiro, a proporção da alimentação fora do domicílio nos gastos alimentares totais em cada uma das 15.012 famílias. Em uma segunda etapa, calculou-se a média das participações da alimentação fora em geral e para cada grupo familiar, considerando o fator de expansão do IBGE. Essa média é calculada democraticamente, isto é, a proporção do gasto alimentar extradomicílio tem o peso da família no universo do grupo. A outra forma consiste em simplesmente dividir os gastos alimentares extradomiciliares pelos gastos alimentares totais (ambos expandidos pelo fator de expansão do IBGE) para toda a população e individualmente para cada grupo familiar. A essa segunda forma se denomina cálculo econômico ou plutocrático. Edmar Bacha, em seu ensaio “O rei da Belíndia (uma fábula para tecnocratas)”, discute as repercussões de cada um desses cálculos (Bacha, 1987).

Observando-se, na tabela 3, os valores médios do Fator 1, é possível inferir que os grupos 1, 8 e 9 apresentam um comportamento bastante diferenciado dos demais quanto à variável renda *per capita* e às correlacionadas a esta – o primeiro por sua relativa “riqueza” e os outros dois pela “pobreza”.

Na verdade, se forem tomados os valores estritos do recebimento médio *per capita* de todas as famílias da região compreendida pela POF e de cada grupo familiar destacadamente, apresentados na tabela 5, poder-se-ia apresentar tanto as famílias do grupo 1 quanto as dos grupos 2, 3, 6 e 7 como relativamente ricas. Entretanto, o que distingue o primeiro dos demais é que, além de apresentar um recebimento acima da média geral, suas famílias também possuem muitos bens de consumo duráveis e seus domicílios apresentam boas condições de saneamento básico – outras variáveis de grande peso no fator riqueza.

De forma semelhante, ainda que os grupos 5 e 10 também possam ser considerados relativamente pobres, é visível que o nível de recebimento médio *per capita* dos grupos 8 e 9 reflete baixíssimo poder de compra das famílias aí compreendidas – tornando a análise do comportamento das demais variáveis constituintes desse fator quase irrelevante. O grupo 4, por sua vez, apresentou pouca diferença em relação ao comportamento médio das famílias quanto ao Fator 1.

Observando o comportamento desses grupos em relação à variável renda “e às suas associadas”, seria possível estabelecer, de forma grosseira, uma distribuição da “riqueza” entre as pessoas da região analisada, dizendo que 44,9% delas pertenceriam a grupos familiares pobres ou muito pobres; 11,5%, a grupos de rendimento médio; e 43,6%, a grupos ricos ou muito ricos.

Para o Fator 2, pode-se fazer análise similar. Segundo os dados médios, o grupo 9 concentra as famílias com maior número de pessoas e o grupo 6, as de menor número de componentes. De fato, pelos dados da tabela 5, o primeiro apresenta um tamanho médio de 8,2 pessoas por família e o segundo de 1,5.

Se todos os grupos fossem ordenados segundo o tamanho médio das famílias, também seria possível estabelecer uma segmentação referente ao tamanho médio das famílias da POF. Os grupos 1, 8, 9 e 10 poderiam ser tomados como os das “grandes famílias”, abarcando 35,7% das famílias e 47,7% das pessoas das áreas analisadas; os grupos 4 e 5 compreenderiam às “famílias médias”, reunindo 29,2% das famílias e 28,4% das pessoas; e os grupos remanescentes 2, 3, 6 e 7 corresponderiam às “pequenas famílias”, envolvendo 35,2% das famílias e 23,9% da população.

Perceba que o conjunto das “grandes famílias”, embora totalize um número de famílias semelhante ao de “pequenas famílias”, envolve uma proporção sensivelmente maior de pessoas; e que o conjunto das “famílias médias” constitui pouco menos de 30% das famílias e das pessoas do universo analisado.

Seria interessante examinar, a esta altura, a relação entre os dois aspectos até agora levantados – a “riqueza” das famílias e o seu “tamanho”. Como já salientado na seção 2.2, há uma correlação negativa entre as variáveis relacionadas ao nível de renda das famílias e as relacionadas ao seu tamanho – o que se confirma na observação dos diferentes grupos.

Dos quatro grupos relativamente pobres, somente o grupo 5 apresentou um tamanho similar ao da média geral, e todos os demais possuem, em média, mais de 3,7 pessoas por família. De forma semelhante, entre os “ricos”, apenas o grupo 1 concentra famílias com tamanho médio superior àquele número – podendo-se associar, em geral, as famílias “ricas” às “pequenas famílias”.

O Fator 3 é aquele que representa a idade do “chefe”, a alta proporção de pessoas com 51 anos de idade ou mais nas famílias e a baixa proporção de crianças e jovens (FAIXAE1 e FAIXAE3) presentes. Daqui por diante aqueles grupos de famílias que apresentarem valores médios do Fator 3 negativos serão tratados por grupos de famílias “jovens”, e os demais, por grupos de famílias “velhas”. Assim, as famílias dos grupos 2, 4 e 8 poderiam ser consideradas “jovens” e as dos 5, 6 e 7, “velhas”. As dos grupos 1, 3, 9 e 10 poderiam, dessa maneira, ser tratadas simplesmente por famílias de “perfil etário padrão”.

Mais uma vez, é possível relacionar o perfil etário das famílias aos fatores já analisados. A idade do “chefe” liga-se positivamente à renda familiar *per capita* e negativamente ao tamanho das famílias. A presença de pessoas com 51 anos de idade ou mais nas famílias relaciona-se positivamente à renda e negativamente ao tamanho das famílias, valendo a relação inversa para as famílias com alta proporção de crianças e jovens.

Embora o valor absoluto dessas correlações seja bastante baixo, poder-se-ia dizer, grosseiramente, a partir dos seus sinais, que valores mais altos do Fator 3 estariam associados a famílias de bom nível de renda e pequenas.

O grupo 1, dentro do perfil etário padrão, aglomera famílias relativamente grandes e ricas, com grande proporção de adolescentes e de adultos na faixa dos 30 aos 50 anos de idade (seu “chefe” tem, em média, 44 anos). O grupo 2 reúne famílias “jovens”, relativamente pequenas e ricas, que concentram jovens e adultos na faixa de 20 a 50 anos de idade. O grupo 3, como o grupo 1, apresenta um perfil etário médio – são famílias pequenas, relativamente ricas, e que também se constituem basicamente de jovens e adultos na faixa etária dos 20 aos 50 anos. O grupo 4 é o que concentra os “chefes” de família mais jovens – as famílias têm renda média, são de tamanho médio e constituem-se primordialmente de crianças e adultos na faixa dos 30 aos 50 anos.

O grupo 5 pode ser chamado, segundo as características até aqui exploradas, de “uma versão mais velha e pobre” do grupo 4. São famílias pobres, médias, com “chefes” de idade ligeiramente superior à média geral e que se constituem basicamente de adolescentes e adultos na faixa de 30 a 50 anos. O grupo 6 é um pequeno grupo constituído basicamente por pequenas famílias (muitas unipessoais), de idosos e sendo alta renda *per capita*. O grupo 7 reúne famílias não tão ricas, nem tão pequenas como as do grupo anterior, mas também tem grande participação de pessoas das faixas etárias mais elevadas.

Os grupos 8 e 9 são os que reúnem as famílias mais pobres e numerosas – o primeiro caracteriza-se por ter muitas crianças e o segundo é marcado por muitas crianças e adolescentes. O grupo 10 também se caracteriza por reunir famílias grandes e pobres – mas não tanto quanto as anteriores – e é formado principalmente por adolescentes e adultos na faixa dos 30 aos 50 anos.

O Fator 4 – “dependência” – vai refletir, em boa medida, a presença de idosos e, em menor escala, a de crianças nas famílias. Assim, o alto valor médio do fator observado para os grupos 6 e 7 reflete a “alta” proporção de idosos nesses grupos; os valores positivos, porém mais próximos de zero, dos grupos 2, 4, 8 e 9 destacam a presença de crianças nas famílias; e os valores negativos observados nos grupos 1, 3, 5, e 10 devem-se à baixa proporção observada tanto de crianças como de idosos.

Quanto ao padrão alimentar, caracterizado pelo Fator 5, os grupos 2 e 10 distinguem-se por reunir famílias que gastam uma altíssima proporção do seu orçamento alimentar com refeições feitas fora dos domicílios – o primeiro grupo é o de famílias ricas, pequenas e compostas prioritariamente por jovens e adultos de 20 a 50 anos de idade; o segundo corresponde a famílias pobres, relativamente grandes e compostas, em grande parte, por adolescentes e adultos de 30 a 50 anos. Os grupos 4, 5 e 6 são caracterizados pelo padrão oposto, podendo-se associar a esse comportamento, qualitativamente, a presença de crianças no primeiro (grupo 4), a pobreza no segundo (grupo 5) e a alta faixa etária do terceiro (grupo 6).

Para facilitar a leitura, as tabelas 6 e 7 sumarizam as principais informações descritas anteriormente.

TABELA 6

Caracterização relativa das famílias segundo os fatores

Grupo	"Riqueza"	Tamanho	Perfil etário	Dependência	Padrão alimentar: % da alimentação fora do domicílio
1	Ricas	Grandes	Padrão	Baixa	Padrão
2	Ricas	Pequenas	Jovens	Alta – crianças	Muito alta
3	Ricas	Pequenas	Padrão	Baixa	Baixa
4	Padrão	Médias	Jovens	Alta – crianças	Muito baixa
5	Pobres	Médias	Velhas	Baixa	Muito baixa
6	Ricas	Pequenas	Velhas	Alta – idosos	Muito baixa
7	Ricas	Pequenas	Velhas	Alta – idosos	Padrão
8	Pobres	Grandes	Jovens	Alta – crianças	Baixa
9	Pobres	Grandes	Padrão	Alta – crianças	Padrão
10	Pobres	Grandes	Padrão	Baixa	Muito alta

Fonte: POF 1995-1996 – IBGE. Elaboração dos autores.

TABELA 7

Caracterização relativa das famílias segundo as características socioeconômicas dos grupos familiares

Grupo	Recebimento familiar mensal per capita	Idade do "chefe" (anos)	Composição etária (estrato de destaque)	Alimentação (% fora)	Tamanho família	Escolaridade (anos de estudo do "chefe")	Razão de dependência (inativos/total)
1	Alto	Média	Adolescentes	Padrão	Médio +	Alta +	14,4%
2	Alto +	Baixa	Padrão (crianças)	Fora	Médio -	Alta +	25,5%
3	Alto +	Média -	Jovens adultos - Nucleares	Padrão -	Nucleares	Alta	Nula
4	Médio	Baixa	Crianças	Casa	Médio	Alta +	43,2%
5	Pobre	Média	Adolescentes	Casa	Médio	Baixa	Nula
6	Alto +	Alta +	Idosos	Casa +	Unipessoais	Baixa	99,6%
7	Alto	Alta +	Adultos - Idosos	Padrão -	Médio -	Baixa	49,3%
8	Pobre +	Baixa	Crianças	Casa	Alto	Baixa +	45,9%
9	Pobre +	Média	Adolescentes e crianças	Padrão	Alto +	Baixa +	27,9%
10	Pobre	Média	Adolescentes	Fora	Médio +	Média -	Nula
Geral	444,94	45	Faixas 4 e 3 (46,3%)	21%	3,7	8,5	26,0%

Fonte: POF 1995-1996 – IBGE. Elaboração dos autores.

Antes de partir para a análise do perfil de gastos dos grupos familiares, cabem ainda algumas observações relevantes.

Cotejando os dados de recebimento aos de escolaridade do "chefe", fica evidente a correspondência entre ambos, valendo ressaltar que essa relação parece ser mediada ora pela idade do "chefe", ora pelo tamanho da família. Na tabela 1, é possível observar a alta e positiva correlação entre as variáveis LRPERCAP e INSTRCHF e, em menor proporção, percebem-se as correlações entre a primeira e a variável TOTPES (negativa) e entre a mesma (LRPERCAP) e a variável IDADECHF (positiva). Verifica-se, ainda, que as correlações par a par entre as variáveis INSTRCHEF, TOTPES e IDADECHF são todas baixas e negativas.

Nos dados explorados, verificam-se casos em que as diferenças de renda entre os grupos não se consubstanciam em diferenças de escolaridade do "chefe", observando-se sim discrepâncias quanto à idade do "chefe" e/ou ao tamanho da família.

Os grupos 5, 6, 7 e 10, por exemplo, apresentam "chefes" com um nível de escolaridade que varia somente, em média, de 6,5 a 7 anos de estudo, mas que exibem idade média dos "chefes", tamanhos de família e nível de renda totalmente diversos. As famílias dos grupos 5 e 10 são bastante semelhantes – apresentam nível de renda *per capita* e idade média dos "chefes" bastante próximas, além de possuírem tamanho

médio igual ou superior ao da média geral – isso ocorre também com as famílias dos grupos 6 e 7. Assim, observa-se que a semelhança de escolaridade do “chefe” entre esses grupos esconde diferenças marcantes entre o par de grupos 5 e 10 e a dupla 6 e 7, com a primeira caracterizando-se por reunir famílias “jovens”, “pobres” e relativamente grandes e a segunda, “velhas”, “ricas” e pequenas.

Análise semelhante pode se aplicar a novos “agrupamentos” das classes estabelecidas. Os grupos de 1 a 4 apresentam nível de escolaridade do “chefe” da família semelhante (de 10,5 a 11,2 anos de estudo), níveis de rendimento relativamente homogêneos (em menor proporção para o grupo 4), mas níveis de idade média do “chefe” e, sobretudo, de tamanho das famílias, bastante divergentes. Sobram ainda os grupos 8 e 9, que reúnem famílias grandes, pobres, com “chefes” de baixo nível de escolaridade, mas com idades bastante diferentes; no primeiro grupo, a idade média dos “chefes” das famílias é de 37 anos e no segundo, de 53 anos.

Interessante notar, ainda, que a escolaridade do “chefe” nos grupos 6 e 8 é bem menos expressiva (6,8 anos *versus* 5,8 anos) que as diferenças no rendimento mensal familiar *per capita* (R\$ 772,35 *versus* R\$ 82,90), na idade do “chefe” (75 anos *versus* 37 anos) e no tamanho da família (1,5 pessoa *versus* 5,0 pessoas).

Vale atentar também para o fato de que os maiores superávits orçamentários – percentual do recebimento sem contrapartida no desembolso global – não se concentram nos grupos familiares ricos, mas sim naqueles em que a idade do “chefe” é elevada. Efetivamente, nos grupos 6 e 7, a renda supera em cerca de 20% o desembolso, resultado significativamente superior aos 13% do grupo de maior renda (grupo 3).

3.3 PERFIS DE GASTO E DE RECEBIMENTO

Para que o leitor possa acompanhar com mais detalhes a análise dos dados de gastos e recebimentos médios dos distintos grupos socioeconômicos, seguem as tabelas 8 e 9. A tabela 8 mostra o percentual da despesa média mensal familiar *per capita*, por grupos familiares, segundo grupos de despesa, e a tabela 9, o percentual do recebimento médio mensal familiar *per capita*, por grupos familiares, segundo a origem do recebimento.

TABELA 8

Percentual da despesa média mensal familiar per capita, por grupos familiares, segundo grupos de despesa – 1995-1996

(Em %)

Grupos Familiares (Clusters)	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Média
Alimentação	20,80	19,50	21,30	21,30	31,30	20,30	25,10	41,50	36,30	28,50	23,70
Habitação	27,20	29,20	33,50	32,30	27,70	36,50	29,10	23,50	19,40	21,10	28,60
Vestuário	6,70	7,10	6,50	6,60	7,00	3,10	4,90	7,20	8,40	7,80	6,60
Transporte	14,70	17,00	12,80	12,80	11,80	9,00	11,20	10,10	13,10	16,90	13,80
Higiene e cuidados pessoais	1,90	1,60	2,10	1,80	2,50	0,70	1,60	2,60	2,60	1,90	1,90
Assistência à saúde	9,30	7,60	8,40	8,60	7,80	19,00	14,00	5,20	6,20	7,00	9,10
Educação	7,50	4,40	2,60	6,00	2,90	0,50	3,30	1,90	4,00	4,60	4,90
Recreação e Cultura	3,80	4,40	3,60	4,00	2,00	1,80	3,20	1,60	3,10	3,90	3,50
Fumo	1,10	1,40	1,30	1,10	2,10	0,60	1,00	3,10	2,20	2,50	1,40
Serviços pessoais	1,60	1,70	1,70	1,50	1,60	1,90	1,90	1,10	1,60	1,70	1,60
Despesas diversas	5,40	6,10	6,10	4,10	3,30	6,50	4,70	2,10	3,20	4,10	5,00
Participação das despesas de consumo no desembolso global	69,90	67,10	69,60	67,00	85,10	74,90	67,80	88,30	82,70	79,80	71,40
Participação do desembolso global no recebimento	82,10	90,80	86,80	91,50	85,60	73,40	79,40	100,00	89,90	85,00	85,60

Fonte: POF 1995-1996 – IBGE. Elaboração dos autores.

TABELA 9

Percentual do recebimento médio mensal familiar per capita, por grupos familiares, segundo a origem do recebimento – 1995-1996

(Em %)

Grupos Familiares (Clusters)	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	média
Rendimento do Trabalho	78,50	79,70	73,30	83,90	74,90	20,50	45,70	89,30	83,60	86,10	74,10
Transferência	9,70	10,20	12,00	3,40	18,20	60,20	38,10	9,10	14,10	8,40	14,40
Rendimento de Aluguel	4,10	1,50	3,90	1,60	2,20	8,20	4,60	0,50	0,60	2,00	3,10
Outros recebimentos	7,80	8,50	10,80	11,10	4,70	11,10	11,60	1,00	1,60	3,40	8,40

Fonte: POF 1995-1996 – IBGE. Elaboração dos autores.

Seguem ainda, nos anexos, outras quatro tabelas e um quadro. A tabela A1 discrimina os valores nominais médios, por grupos de famílias e em geral, dos gastos familiares por itens e subitens de despesa, das despesas de consumo, dos desembolsos gerais e dos recebimentos médios.³ A tabela A2 traz, para os mesmos grupos, as proporções dos gastos médios com os itens de despesa no consumo em geral, dos subitens nos itens, a participação das despesas de consumo no desembolso global e a participação do desembolso global no recebimento.

As tabelas A3 e A4 referem-se aos recebimentos médios dos grupos familiares e às suas origens. O quadro A1 traz a ordenação das proporções dos gastos médios com os itens de despesa no consumo em geral por grupo de famílias e para a população em geral.

Sendo a renda uma das variáveis que provocam maior segmentação social – especialmente em países subdesenvolvidos, como o Brasil –, julga-se interessante fazer uma distinção prévia, de caráter geral, do perfil dos gastos dos relativamente ricos e pobres.

Comparando o comportamento dos diferentes grupos socioeconômicos com o comportamento médio das famílias da POF, é possível dizer que, de certa forma, os grupos ricos tendem a gastar uma parcela menor de seus orçamentos com produtos alimentícios e que, desses gastos, uma proporção menor que a média se dirige às despesas com produtos alimentares básicos (a “cesta”⁴). Em relação às despesas com a “habitação”, pode-se dizer que a relação é oposta – são os pobres que tendem a gastar proporcionalmente menos com esse item. Essas comparações ficam evidentes no quadro 1, em que se observa a inversão entre a primeira e a segunda posição nos orçamentos de ricos e pobres dos itens “habitação” e “alimentação”.

O comportamento dos grupos familiares ricos em relação aos diferentes subitens das despesas com “habitação” é bastante variável. Entre os pobres, com exceção do gasto com aluguel, há um comportamento bastante sistemático em razão da proporção dos gastos. Gasta-se relativamente pouco com “impostos e taxas” e com a “manu-

3. O desembolso global refere-se a todos os gastos monetários efetuados pela família com a aquisição de bens e serviços de qualquer espécie e natureza – incluindo-se aí as despesas correntes, o aumento de ativos e a diminuição de passivos. As despesas de consumo referem-se aos gastos com alimentação, habitação, vestuário, transporte, higiene e cuidados pessoais, assistência à saúde, educação, recreação e cultura, fumo, serviços pessoais e outras despesas diversas.

4. Refere-se à versão reduzida de cesta normativa proposta pela Cepal (1989), sendo constituída de 41 produtos: açúcar, alho, arroz, banana, batata, biscoito doce, biscoito salgado, café, carne bovina de primeira, carne bovina de segunda, carne de suíno, cebola, couve, farinha de mandioca, farinha de trigo, fígado, feijão, frango, iogurte, laranja, leite, leite em pó, limão, lingüiça, macarrão, maionese, mandioca, manteiga, margarina, massa de tomate, óleos, pão francês, presunto, queijos, repolho, sal, salsicha, tomate, ovos, peixe e mortadela.

tenção do lar”⁵ – o que, provavelmente reflete, a baixa incidência de gastos com serviços domésticos e a precariedade dos domicílios (até mesmo por sua localização, em grande parte nas periferias, ou mesmo pela sua ilegalidade). Gasta-se relativamente muito com “artigos de limpeza”, “mobiliários e artigos do lar”, “eletrodomésticos, equipamentos do lar e som e TV” e com “conserto e manutenção de artigos do lar” – retratando os altos valores absolutos dos bens duráveis de consumo e, possivelmente, o peso prolongado dessas despesas no orçamento dos mais pobres, que acabam por ter de recorrer ao crédito para obtê-los.

As famílias pobres apresentam um gasto relativo proporcionalmente maior que a média em “vestuário”, não havendo um comportamento sistemático entre as famílias ricas. Quanto aos subitens, as famílias ricas gastam metodicamente mais com “roupa de mulher” e menos com “roupa de criança”; e as pobres caracterizam-se por gastar relativamente mais em “calçados e outros apetrechos” e menos em “jóias e bijuterias”.

As famílias pobres gastam relativamente menos que a média com o item “transportes” (com exceção do grupo 10), caracterizando-se por gastar muito em “transporte urbano” e pouco nos demais itens (“veículo próprio”, “viagens” e “outros”).

O gasto relativo das famílias pobres com o item “higiene e cuidados pessoais” excede a média, tendo destaque o subitem “perfume”. Já a proporção de gastos com “assistência à saúde” dessas famílias é inferior à média; e, enquanto os subitens “seguro-saúde”, “tratamento dentário”, “consulta médica” e “hospitalização” seguem essa tendência, as famílias pobres gastam muito mais proporcionalmente à média dos gastos com os “remédios”.

Também são inferiores aos gastos relativos médios as despesas dos pobres com “educação”, provavelmente pelo pequeno acesso destes à rede particular de ensino (baixos gastos com os “cursos regulares de 1ª, 2ª e 3ª graus e pré-escolar”). Gasta-se proporcionalmente mais com os itens “fumo” e “serviços pessoais” e menos com as “despesas diversas” – particularmente com os “serviços de cartórios e de profissionais”.

De maneira geral, observa-se que o padrão de gastos das famílias pobres é muito mais regular, sendo possível dizer, então, que o alto nível de renda permite muito mais idiosincrasias por parte dos consumidores.

Em relação à composição dos recebimentos segundo sua origem, observa-se, *grosso modo*, o predomínio dos rendimentos do trabalho nos grupos familiares pobres (grupos 8, 9 e 10), especialmente como “empregados” e “trabalhadores por conta-própria”, tendo por contrapartida a pequena participação dos “outros recebimentos”, em que se encontram os ganhos provenientes das aplicações de capital e das vendas. O outro grupo familiar pobre (grupo 5) foge desse padrão com a participação dos recebimentos oriundos do trabalho situando-se em patamar similar ao da média dos grupos, destacando-se os ganhos provenientes das “transferências”. Essa categoria, as “transferências”, mostra-se bastante expressiva para os grupos familiares com alta proporção de idosos (grupos 6 e 7), o que implica perfis de recebimento bem discrepantes da média dos grupos.

5. O subitem “manutenção do lar” agrega despesas com serviços domésticos, gás de bujão, lenha, dedetização, carvão vegetal, etc.

Os grupos mais jovens e de renda elevada (grupos 1, 2 e 3) apresentam, *grosso modo*, uma composição dos recebimentos semelhante à da média dos grupos, particularmente quanto à participação da renda originária do trabalho. Vale notar que no grupo 3 a rubrica “outros recebimentos” tem uma participação relativamente elevada – situação que é também observada nos grupos familiares idosos e no grupo de renda média (4). Neste último, a parcela da renda originária do trabalho também é expressiva, o que resulta em baixas participações das rendas de transferências e de aluguéis comparativamente ao padrão médio dos grupos.

São ainda passíveis de destaque as proporções relativamente altas dos rendimentos do trabalho sob a rubrica “empregador” para os grupos 1, 2 e 6 e dos “empréstimos” para os grupos 8 e 9.

A seguir, apresenta-se a discussão sobre as peculiaridades dos perfis de gastos e recebimentos dos grupos socioeconômicos.

Grupo 1

Este grupo, como anteriormente descrito, destaca-se por reunir famílias relativamente ricas e grandes – com proporção expressiva de adolescentes –, “chefes” de idade “média” e, ainda, por apresentar um comportamento alimentar padrão.

Por serem ricas, as famílias apresentam certo padrão de consumo: baixos gastos relativos com “alimentação”; altos com “transportes” – que se devem quase integralmente às despesas com veículo próprio – e com “assistência à saúde” – destacando-se as altíssimas despesas com “seguro-saúde” e “tratamento dentário”.

Os gastos com “habitação” contrariam, em parte, a tendência observada para o nível de renda elevada. O grupo 1 é o único entre as famílias “ricas” que se destaca por uma proporção de gastos com “habitação” abaixo da média, o que se deve, provavelmente, à baixíssima proporção de despesas com “aluguéis”.

A parcela do orçamento dedicada a “educação” aqui se sobressai muito, com maior peso nos gastos com os “cursos regulares de 1^a, 2^a e 3^a graus e pré-escolar” – o que deve ser uma decorrência da combinação do alto nível de renda com a alta proporção de adolescentes nas famílias. O item “educação” corresponde a 7,5% do orçamento médio do grupo 1, contra os 4,9% da média, sendo o quinto principal do orçamento dessas famílias, contra a sétima posição no orçamento médio da população.

Quanto à composição dos recebimentos segundo sua origem, o grupo apresenta distribuição pelas principais categorias de origem relativamente próxima à da média, com exceção da participação das “transferências” – a qual responde por 9,7% do recebimento do grupo, enquanto representa 14,4% da média geral.

Entre os subitens, destacam-se a participação dos ganhos auferidos na posição de “empregador” (11,7% contra 8,6% na média) – característica em geral associada a grupos mais ricos – e o peso relevante das transferências transitórias e dos aluguéis de bens imóveis na formação do recebimento médio do grupo.

Grupo 2

Aqui se agrupam famílias relativamente ricas e pequenas – ainda que com uma presença relativamente alta de crianças –, com jovens “chefes” de família e que priorizam o dispêndio alimentar fora do domicílio.

A proporção de gastos com alimentos é bastante baixa, com destaque para a baixíssima proporção ocupada pela “cesta”. Concretamente, enquanto os gastos com alimentação representam 23,7% do orçamento médio, neste grupo sua participação é de 19,5%; e enquanto seus gastos com produtos alimentares básicos (“cesta”) representam somente 22% do orçamento alimentar, para a média da população esse número é de 46%.

Os gastos relativos com “habitação” estão próximos à média, mas aqui se inverte a tendência observada para o grupo anterior. Essas famílias, talvez por ainda serem “jovens”, não devem possuir, em sua maioria, casa própria, sendo alta a proporção do orçamento gasta na forma de aluguel. Isso é compensado no conjunto de despesas com “habitação” por proporções de gasto abaixo da média com “impostos e taxas”, “manutenção do lar”, “artigos de limpeza”, “eletrodomésticos, equipamentos do lar e som e tv” e “conserto e manutenção de artigos do lar”. Vale a pena citar os expressivos gastos do grupo com “despesas diversas”, de modo particular as classificadas como “outras” despesas diversas – o que valeria uma investigação futura.

A proporção de gastos com “transportes”, acima da média (17% do orçamento, contra os 13,8% da média dos grupos), concentra altas despesas com “veículo próprio”, “viagens” e “outros”. Gasta-se relativamente pouco com “assistência à saúde”, mas é mantida a alta proporção de gastos nos subitens “seguro-saúde” e “tratamento dentário” – despesas típicas de famílias ricas.

Nos dois grupos familiares até aqui tratados, a composição desses gastos é semelhante: há uma menor importância relativa dos gastos com “medicamentos”, e maior das despesas com “seguro-saúde” e, especialmente, com “tratamento dentário”. Juntas, essas despesas respondem, nesses grupos, por mais de 50% do orçamento com saúde, enquanto para a média dos grupos tal participação é de 44%.

Os gastos com “educação” do grupo 2 concentram-se em “outros cursos” que não os regulares – algo que se julga de acordo para as famílias “ricas”, com jovens “chefes” que alcançaram um elevado nível de instrução e com baixa proporção de crianças (sendo estas, provavelmente, de pouca idade).

O perfil de recebimento desse grupo vem ao encontro daquilo que se espera para famílias relativamente ricas, pequenas e jovens, ou seja, é substancial a importância do “rendimento do trabalho”, de modo particular, dos rendimentos de “empregadores”, tendo como contrapartida a menor participação das rendas provenientes de “transferências” e, principalmente, de aluguéis. Nessa mesma direção, vale notar que, entre as “transferências”, as relativas a pensões alimentícias e bolsas de estudos encontram-se em patamares superiores de participação perante a média, ainda que sejam pouco expressivas.

Vale ainda ressaltar a baixa relação consumo/desembolso do grupo, ou seja, os gastos com impostos diretos, diminuição do passivo e aumento do ativo representam quase 1/3 dos gastos totais.

Grupo 3

Trata-se de um grupo composto por famílias “ricas”, muito pequenas, com baixa dependência, com “chefes” relativamente jovens e que apresentam um comportamento alimentar padrão.

Como esperado para famílias de alto nível de renda, a proporção do orçamento gasta em “alimentos” é pequena e com a “habitação” é alta (maior que a média) – tendo destaque, mais uma vez, os altos gastos com aluguéis.

Com o item “transportes”, gasta-se proporcionalmente pouco menos que a média – desta vez com baixo peso relativo dos gastos com “veículo próprio”. As despesas com “transportes urbanos” igualam-se à média, e o destaque do grupo fica para as altas despesas relativas com “viagens”.

O gasto com “assistência à saúde” é semelhante ao da média da população, não havendo distinção significativa até mesmo para os subitens até aqui mais destacados: “seguro-saúde” e “tratamento dentário” (com o qual se gasta, contrariamente, bem menos que a média). Embora o gasto com “educação” seja relativamente baixo, a proporção das despesas com “outros cursos”, que não os regulares, é extremamente elevada – o que reflete a baixa proporção de crianças e adolescentes nas famílias, a idade e o nível de instrução dos “chefes” (jovens com alto nível de instrução e cuja ocupação exige, provavelmente, constante atualização técnica).

Gasta-se mais que a média com “despesas diversas”, e mais uma vez o destaque fica com o subitem “outras despesas diversas”.

Para este grupo, que se destaca por ser o de renda média mais elevada, os rendimentos do trabalho de “empregador” não têm o mesmo destaque que para os dois grupos anteriores, também “ricos”. Aqui o que sobressai é a categoria “outros recebimentos”, em que predominam os ganhos com aplicações de capital e com vendas. De outra parte, a participação das “transferências” e dos “aluguéis” é bem inferior ao que se observa na média dos grupos. Logo, fica evidente que, neste grupo de famílias nucleares, jovens e ricas, a renda provém do rendimento do trabalho, particularmente, de empregado, das aplicações de capital e das vendas esporádicas. Efetivamente, essas duas subcategorias respondem por 10,8% do recebimento total, ante os 7,8% para a média dos grupos. Assim como no grupo anterior, as pensões alimentícias e as bolsas de estudo apresentam participações relativamente elevadas.

Grupo 4

As famílias deste grupo possuem nível de renda e tamanho médios, com alta proporção de crianças, sendo que os “chefes” são jovens e se prioriza o dispêndio com a alimentação a ser consumida no domicílio.

Mesmo possuindo nível de renda médio, a proporção de gastos com “alimentação” é inferior ao da população em geral, mas, talvez por ser um grupo composto de famílias relativamente numerosas e, principalmente, por ter uma alta proporção de crianças, uma fração alta do gasto alimentar destina-se à aquisição de produtos básicos (da “cesta”).

As despesas com “habitação” são bastante significativas no orçamento dessas famílias – gasta-se 32,3% do orçamento de consumo com este item, enquanto a média da população registra um percentual de apenas 28,6%. Os destaques para o item são a alta proporção de gastos com “aluguel” e a baixa participação dos “impostos e taxas”.

No item “vestuário”, pouco diferenciado para os grupos anteriores, destaca-se a altíssima proporção dos gastos com “roupa de criança”, em detrimento das despesas com “roupa de homem” e “roupa de mulher”. Os gastos com “transporte”, abaixo da média geral, concentram-se em despesas com “veículo próprio”.

O padrão de gastos com “assistência à saúde” ainda segue o dos “ricos”: apesar de contar com uma proporção de gastos ligeiramente inferior à da média, esses se concentram entre os subitens “seguro-saúde”, “tratamento dentário” e “consulta médica”, havendo baixa proporção de despesas com “remédios” – talvez não só em razão do nível razoável de renda, mas também pela pouca idade de seus componentes – e “outras despesas com a assistência à saúde”.

Os gastos com “educação” são relativamente altos, concentrando-se nos “cursos regulares de 1ª, 2ª e 3ª graus e pré-escolar” – sendo que as despesas proporcionais com “outros cursos”, que não os regulares, são bastante inferiores à média, o que indica o provável privilégio à educação formal das crianças. Nesse mesmo sentido, as famílias deste grupo também gastam proporcionalmente mais que a média com “recreação e cultura”, e o subitem que se destaca neste designio é o de “brinquedos e jogos”.

Se por um lado o grupo se caracteriza por ter um nível de renda mais próximo ao da média, por outro, apresenta diferenças expressivas quanto à composição do recebimento segundo sua origem. Efetivamente, do mesmo modo que nos grupos de renda baixa, a participação do rendimento do trabalho deste grupo é bem superior à sua contribuição na média dos grupos, isto é, atinge 83,9% do recebimento total contra os 74,1% observados na média. Essa ascendência do rendimento do trabalho tem por contrapartida uma participação muito inferior das “transferências” – que respondem por tão-somente 3,4% do recebimento total dessas famílias, enquanto na média dos grupos esse percentual é de 14,4%. Das outras fontes de recebimento – aluguéis e “outros recebimentos” –, ainda que, em conjunto, tenham participação no recebimento total similar ao da média, destacam-se os “outros recebimentos” (aplicações de capital e vendas esporádicas), em prejuízo dos aluguéis.

O quadro descrito anteriormente reflete-se, em termos de subcategorias de origem, em participações significativamente menores da previdência pública, das pensões alimentícias e da previdência privada. Crescem as parcelas do recebimento total originárias do rendimento do trabalho, dos conta-própria, das vendas e das aplicações de capital.

Grupo 5

Neste grupo, as famílias são pobres, de tamanho médio – com alta proporção de adolescentes –, com “chefes” de idade média e que priorizam a alimentação no domicílio.

Corroborando a literatura sobre o tema, essas famílias têm alta proporção do orçamento destinada à aquisição de “alimentos” – o gasto com alimentação assume a

primeira posição entre os grandes itens de despesa, e os dispêndios com produtos alimentares básicos representam 63,6% do orçamento alimentar.

A proporção de gastos com “habitação” é inferior à média – e contribui para isto a pequena proporção de despesas com “manutenção do lar” – que envolvem os serviços domésticos. Gasta-se relativamente pouco também com “transportes” – cujas despesas se concentram prioritariamente nos “transportes urbanos”.

Outro item de despesa que deixa de ter alta participação relativa no orçamento é a “assistência à saúde” – em que os gastos típicos dos “ricos” deixam espaço para a alta proporção das despesas com “remédios de adolescentes, gasta-se muito pouco com os cursos regulares, recorrendo-se, provavelmente, à rede pública de ensino, e mais com os “outros cursos” e “outros gastos com educação”.

Os gastos com “fumo” passam a figurar como item mais relevante em comparação com a média da população – o que ocorre com todos os grupos que possuem renda familiar *per capita* inferior à média da população.

Observa-se assim, neste grupo, a menor diversificação no orçamento, ou seja, poucos itens de despesa respondem pela quase totalidade dos gastos em consumo. Efetivamente, os gastos com produtos alimentares básicos (“cesta”), “habitação”, “transporte urbano” e “remédios” representam quase 60% das despesas de consumo (na média dos grupos, 46,5%; no grupo 2 – segunda maior renda –, 39,0%; e grupo 8 – o mais pobre –, 64,3%).

No que se refere à estrutura do recebimento, segundo suas fontes, as diferenças em relação à média dos grupos situam-se nas contribuições das “transferências” e dos “outros recebimentos”. De fato, a participação do rendimento do trabalho no recebimento total é praticamente igual à observada para a média dos grupos, ou seja, de cerca de 75%. Quanto às transferências, estas são responsáveis por 18,2% do recebimento total, superior à contribuição média de 14,4%. Como contrapartida, há uma queda na parcela em virtude dos “outros recebimentos”.

Observa-se, neste grupo de famílias pobres, de acordo com as expectativas, que os rendimentos de “empregador” são muito pouco significativos, tendo importância nos “rendimentos do trabalho” o dos “empregados” e, de modo especial, o dos “conta-própria”. Nas “transferências”, destacam-se as provenientes de aposentadoria da previdência pública e as “pensões alimentícias”.

Grupo 6

Este grupo reúne poucas famílias, que se caracterizam por ser “ricas”, muito pequenas (muitas unipessoais), predominantemente de idosos e que priorizam a alimentação no domicílio.

Embora a proporção dos gastos alimentares no orçamento, seguindo a tendência geral dos “ricos”, seja inferior à da média, as famílias deste grupo destinam grande parte destes recursos à aquisição de alimentos da “cesta” – o que deve ter relação tanto com um tipo de alimentação mais tradicional quanto com a baixa proporção de gastos com a alimentação fora do domicílio.

Gasta-se muito com o item “habitação”. Embora a proporção da despesa destinada a “aluguel” seja bastante baixa – assim como a com “artigos de limpeza”, “mobi- liários e artigos do lar” e “eletrodomésticos, equipamentos do lar e som e TV” –, são bem altas as proporções destinadas a “impostos e taxas” e, sobretudo, a “manutenção do lar”, na qual predominam os gastos com “serviços domésticos”.

De fato, neste grupo, o pagamento de impostos e as despesas com manutenção do lar respondem por, respectivamente, 48,0% e 31,4% do orçamento habitacional, cabendo aos aluguéis uma participação de somente 8,9%. Para a média dos grupos, a composição dos gastos habitacionais é bastante distinta, pois enquanto o pagamento de impostos e, especialmente, os gastos com manutenção são relativamente menores, com participações de 36,8% e 14,3%, respectivamente, os aluguéis representam 21,8% dos dispêndios com moradia.

As famílias deste grupo gastam relativamente pouco com “vestuário” – havendo certa concentração de despesas com “roupa de mulher” e “tecidos e armarinhos” (gasto típico de “ricos”).

O gasto com “transporte” também é diminuto no grupo. Embora o gasto relativo com “transportes urbanos” seja muito inferior ao da média, aqui as despesas se concentram não nos combustíveis, mas na “manutenção do veículo próprio” e, sobretudo, nas “viagens” – essas famílias devem usar pouco seus automóveis e ter como atividade de lazer comum as viagens.

O item “assistência à saúde” tem grande peso no orçamento dessas famílias. Como se pode observar no quadro A1, essa rubrica assume a terceira posição na ordenação dos componentes dos orçamentos dos grupos familiares 6 e 7 – que reúnem grande parte dos idosos da população observada – posição típica do item “transportes” para todos os demais grupos, independentemente da faixa de renda. Aqui, os subitens de maior peso são “remédios” e “seguro-saúde”.

A despesa relativa com “educação”, como esperado, é muito inferior à da média, mas é notável a alta proporção de gastos com os cursos regulares – o que indica, provavelmente, uma “volta à escola”, após a aposentadoria, ou o custeio da educação de crianças ou adolescentes que não residem com as famílias do grupo. Também causa certa admiração a baixa proporção de gastos com “recreação e cultura”, principalmente por ocorrer certa concentração desses gastos na rubrica “brinquedos e jogos” – uma hipótese explicativa é que esses gastos seriam direcionados aos netos.

As “despesas diversas” ganham importância neste grupo, sendo dado grande destaque para as “cerimônias familiares e religiosas”.

Verifica-se o quão distinto é o orçamento deste grupo ao se ordenarem os subgrupos de despesa segundo participação nas despesas de consumo. Assim, enquanto os dez principais itens de consumo deste grupo são: impostos e taxas, manutenção do lar, produtos alimentares básicos, gastos alimentares extracesta, remédios, seguro-saúde, outras despesas de saúde, outras despesas diversas, aluguel e viagens; os relativos à média dos grupos são: produtos alimentares básicos, gastos alimentares extracesta, impostos e taxas, aluguel, transporte urbano, manutenção do lar, eletrodomésticos, outras despesas diversas, cursos regulares e outras despesas com recreação e cultura.

Como esperado para a faixa etária correspondente, as “transferências” predominam entre as fontes de renda do grupo. Concretamente, do recebimento total, 60,2% são provenientes das transferências, especialmente de aposentadoria da previdência pública. Os rendimentos de aluguéis e os “outros recebimentos” apresentam, também, participações superiores às da média, sobressaindo-se entre eles as rendas de aluguéis de imóveis e as vendas esporádicas. Essas três subcategorias de origem do recebimento – aposentadoria da previdência pública, aluguéis de bens imóveis e vendas esporádicas – respondem por quase 2/3 do recebimento total, enquanto para a média dos grupos elas representam somente 1/6 da renda.

Grupo 7

Este grupo é bem mais amplo que o anterior. Embora também se caracterize por reunir famílias ricas, pequenas, com alta proporção de pessoas nas faixas etárias mais avançadas e com “chefe” de idade média bastante elevada em relação aos demais, as famílias não são tão ricas, nem tão pequenas, contam com maior diversidade de faixas etárias, ainda que preponderem as mais elevadas. Além disso, apresentam um comportamento alimentar padrão quanto à preferência pela alimentação dentro/fora do domicílio.

Mesmo que a ordenação da proporção das despesas diante do orçamento deste grupo siga a obedecida pelas demais famílias ricas, o grupo 7 distingue-se por apresentar uma proporção de gastos com “alimentação” maior do que a da média. A proporção de gastos com “habitação”, ainda que esteja em posição superior à dos gastos com alimentos, aproxima-se dos valores médios. Para os demais grupos com “chefes” de idade elevada, gasta-se relativamente pouco com “aluguel” e mais com os outros subitens do conjunto de gastos com habitação – também sendo muito baixos os gastos com “mobiliários e artigos do lar” e “eletrodomésticos, equipamentos do lar e som e TV”. Essa seria essa uma característica das famílias com a “casa montada”.

Gasta-se relativamente pouco com “vestuário” e “transportes” – sendo que aqui voltam a ser importantes as despesas com “viagens”.

A “assistência à saúde” volta a ser um item de despesa bastante importante. Por outro lado, os gastos relativos com “recreação e cultura” e “educação” ficam abaixo da média, tendo destaque positivo no último os “outros cursos”, que não os regulares, e os “outros gastos com educação”.

Este grupo, ao invés do que ocorre com o grupo 6, não privilegia os gastos com “despesas diversas”, mais especificamente com “cerimônias familiares e religiosas”.

Assim como no grupo anterior, neste as “transferências” também têm grande importância como fonte de renda. Sua participação situa-se em torno de 40%, inferior à observada no 6, uma vez que no grupo 7 a composição etária das famílias é mais diversificada, com participação expressivas de pessoas com mais de 30 anos, de modo particular para as faixas de 50 a 65 anos e de mais de 65 anos. Situação diferente do grupo anterior, no qual a quase totalidade das pessoas tem 65 anos ou mais de idade. Assim, a contribuição do rendimento do trabalho é de maior envergadura neste grupo, atingindo 45,7% do recebimento total. Destaca-se a participação dos “outros re-

cebimentos”, particularmente das aplicações de capital, as quais respondem por 9,2% do recebimento total, quase o dobro de sua participação na média dos grupos (4,8%).

Grupo 8

O grupo 8 agrega famílias muito pobres, grandes – com alta proporção de adolescentes e crianças –, com jovens “chefes” de família e que priorizam a alimentação em casa. Trata-se do menor nível de renda *per capita* familiar média entre todos os grupos, com as despesas de consumo atingindo somente R\$ 73,23 mensais *per capita*.

Como esperado, a proporção do orçamento gasto em alimentação é extremamente alta para este grupo – 41,5% contra 23,7% da população em geral, sendo que 70% dessas despesas dirigem-se à aquisição de produtos alimentares básicos (a “cesta”). Levando em conta que 8,6% dessas despesas são efetuadas com alimentação fora do domicílio, fica evidente o quão pouco diversificada é a cesta de consumo alimentar dessas famílias.

Gasta-se proporcionalmente mais com “vestuário” e menos com “transportes” – praticamente todo o orçamento dirige-se a gastos com “transportes urbanos”. A parte do orçamento dirigida a “assistência a saúde” é bastante reduzida e concentrada na aquisição de “remédios”. Os gastos com “educação” são igualmente pequenos, e sobressaem os “outros gastos com educação”. Gasta-se proporcionalmente pouco também com “recreação e cultura”, “serviços pessoais” e “despesas diversas”, ficando as despesas com “fumo” em um nível relativo superior ao da média da população.

É interessante notar que neste grupo há contrapartida entre recebimento total e desembolso global, ou seja, é o único que não apresenta superávit orçamentário.

Algumas peculiaridades são dignas de nota no comportamento de tais famílias: a expressiva parcela dos gastos com recreação destinada a “brinquedos e jogos” e a importância da rubrica “outros” nos gastos educacionais. Pode-se creditar parte desse comportamento à alta proporção de crianças nas famílias do grupo. Além disso, a presença de crianças implica, também, a proeminência dos gastos em vestuário destinados às “roupas de criança”.

Em virtude da similaridade entre os perfis de recebimento do grupo 8 e dos grupos 9 e 10, decidiu-se por adiantar as observações sobre os últimos. Essa semelhança entre as composições do recebimento desses grupos deve-se, sobretudo, à baixa renda apresentada por eles. O rendimento do trabalho é responsável pela quase totalidade do recebimento. Concretamente, a participação do rendimento do trabalho situa-se entre 83,6% (grupo 9) e 89,3% (grupo 8) – diferença que se deve à maior participação das “transferências” no grupo 9, a qual deve estar relacionada à maior idade dos “chefes”. No grupo 8, destaca-se o rendimento médio dos “conta-própria”, que responde por 27,8% do recebimento total, percentual muito superior ao da média dos grupos e mesmo que dos grupos 9 e 10. É interessante notar que as participações dos aluguéis e dos “outros recebimentos” nesses três grupos, que são muito menores do que na média, aumenta à medida que cresce a renda. Assim, enquanto no grupo 8 – o mais pobre – os “outros recebimentos” respondem por 1,0% do recebimento total, no grupo 10 – o de maior renda – essa participação é de 3,4%. No grupo 8, as “pen-

sões alimentícias” encontram-se em posição de destaque entre as fontes de renda, estando atrás somente do rendimento do “empregado”, do rendimento dos “contáprópria” e da “aposentadoria de previdência pública” – situação ímpar em relação à média dos grupos, em que as pensões alimentícias ocupam a oitava posição como fonte de recebimento.

Grupo 9

Aqui também o grupo constitui-se de famílias muito pobres, muito grandes – com alta proporção de adolescentes e crianças –, com “chefes” de idade média e de comportamento alimentar padrão.

Tal perfil implica, evidentemente, alta participação dos gastos alimentares no orçamento – 36,3% contra 23,7% da média, dos quais 55,8% destinam-se à aquisição de produtos básicos.

Este grupo, entre os dez analisados, é o que despense a menor proporção do orçamento com o item “habitação”, chamando atenção a pequena proporção de gastos com os alugueis – exceção entre os grupos de famílias pobres.

Como é habitual para famílias de baixa renda, gasta-se uma fatia maior do orçamento com itens como “vestuário”, “higiene pessoal” e “fumo”; e menor com o “transporte” – centrado em gastos com “transportes urbanos” –, “assistência à saúde” – centrado em gastos com “remédios” –, “educação”, “recreação e cultura” e “despesas diversas”. Para o último item, é interessante notar que em todos os grupos de famílias pobres – com exceção do grupo 10 – a proporção do orçamento de “despesas diversas” direcionada para as “cerimônias familiares e religiosas” fica acima da média.

A comparação com os grupos 1 – ricas e com elevada presença de adolescentes – e 4 – renda média e com alta proporção de crianças – revela que essas famílias extensas e pobres não conseguem atender às demandas de suas crianças e jovens como fazem as famílias ricas, ou mesmo de renda média.

Grupo 10

Trata-se de um grupo de famílias pobres, mas menos que os dois imediatamente anteriores, de tamanho superior ao médio – com alta proporção de adolescentes –, com “chefes” de idade média e que priorizam a alimentação fora do domicílio. A elevada participação da alimentação fora do domicílio – quase 60% – para essas famílias pode estar associada à baixa proporção de dependentes, ensejando a inserção de grande parte dos membros familiares no mercado de trabalho.

Aqui também se gasta uma proporção do orçamento maior que a média com a “alimentação”, porém menor que os grupos mais pobres – a proporção de gastos com a “cesta” de produtos básicos é menor que a média, e não se deve esquecer que uma parcela importante do orçamento alimentar dessas famílias é despendida com a alimentação fora dos domicílios.

Mais uma vez a proporção de gastos com a “habitação” é menor que a observada para toda a população, sendo que os gastos com “aluguel” voltam a ser relevantes.

Seu padrão de consumo vai divergir dos demais grupos pobres no que tange à proporção de despesas com “transportes” e “recreação e cultura” – que ficam acima da média da população –, e, para o último grupo, os “jogos e brinquedos” perdem importância diante dos “outros” gastos em recreação e cultura, dada a maior proporção de adolescentes que de crianças nas famílias.

Na “assistência à saúde”, os “tratamentos dentários” ganham peso. A proporção de gastos com “educação” ainda é ligeiramente inferior à média, mas o comportamento das despesas com os “cursos regulares de 1º, 2º e 3º graus e pré-escolar” chegam próximo ao padrão, e a proporção de gastos com os “outros cursos” está bem acima da média – talvez se associando a algum tipo de curso profissionalizante para os adolescentes.

3.4. OBSERVAÇÕES FINAIS

Após a longa descrição do comportamento dos diferentes grupos familiares quanto ao seu padrão de gastos e recebimentos, cabem algumas observações de caráter bastante genérico.

Foi possível, por meio do exame do comportamento dos diferentes grupos, observar que, de fato, as variáveis socioeconômicas enumeradas pela análise fatorial influenciam, em maior ou menor grau, o padrão de consumo dos diferentes grupos.

O gasto em assistência à saúde parece relacionar-se mais à idade que a outras variáveis, enquanto a composição desses gastos – como “seguro-saúde” ou “remédios”, por exemplo – é influenciada essencialmente pela renda familiar e mesmo pelas faixas etárias de seus componentes. Como esperado, os remédios têm um peso relativamente alto no orçamento de famílias ricas com alta proporção de idosos e muito alto no de famílias pobres em geral.

A baixa proporção de gastos das famílias pobres com a “habitação” associa-se, em geral, à baixa utilização dos serviços domésticos; e as despesas com aluguéis parecem correlacionar-se mais com a idade do “chefe” que com o nível de renda familiar *per capita* – reflexo, provavelmente, da condição de ocupação dos domicílios, isto é, a participação de domicílios alugados.

Somente a título de esclarecimento, são apresentados, na tabela 10, os dados relativos a idade do “chefe”, percentagem de imóveis alugados, participação dos gastos com aluguéis nas despesas de consumo e o recebimento familiar mensal *per capita*. Com esses dados é possível verificar que há uma associação negativa entre a idade do “chefe” e a “não propriedade” do domicílio – o que parece não se observar entre o recebimento familiar *per capita* e a participação de domicílios alugados.⁶

6. Vale citar que em Morais et alii (2001) há um modelo logit para a probabilidade de o domicílio estar em área de favela, sendo negativo o efeito da idade. Deve-se ter presente que esse resultado não indica que exista maior probabilidade de se ter casa própria à medida que cresce a idade do “chefe”.

TABELA 10

Participação dos domicílios alugados e dos gastos em aluguéis nas despesas de consumo, idade do “chefe” e recebimento familiar mensal per capita, segundo grupos familiares – 1995-1996

Grupos	% Domicílios alugados	% Gastos aluguéis no consumo	Idade do “chefe”	Recebimento familiar mensal per capita (R\$ set. 1996)
1	14,8	4,6	44	690,66
2	27,0	8,0	37	757,96
3	31,3	9,9	39	797,25
4	24,0	8,5	33	477,55
5	16,2	6,5	48	204,33
6	7,3	3,3	75	772,35
7	11,0	4,1	68	672,07
8	16,2	5,4	37	82,90
9	11,1	2,6	53	140,51
10	17,7	4,8	48	280,69
Geral	18,8	6,2	45	444,94

Fonte: POF 1995-1996 – IBGE. Elaboração dos autores.

Os gastos com educação, por sua vez, estão sensivelmente ligados à renda *per capita* familiar, tendo em vista a baixa qualidade do ensino público de 1^o e 2^o graus e a perversa distribuição de renda que existe no país – que obriga parte dos jovens a deixar de estudar para complementar a renda familiar. A composição desses gastos, por sua vez, parece associar-se mais ao padrão etário das famílias.

Assim, enquanto as famílias ricas que possuem crianças e/ou adolescentes gastam mais com os “cursos regulares”, as pobres gastam com os “outros cursos” ou “outros itens de educação” (que envolvem o material escolar); e as famílias ricas e jovens que não possuem crianças e/ou adolescentes, destinam uma parte mais significativa do seu orçamento para os “outros cursos”, gastos que provavelmente refletem a atualização profissional dos adultos.

Vale observar que decidiu-se investigar, para o universo dos adolescentes (11 a 20 anos), a participação deles como fonte de recebimento – *proxy* de inserção no mercado de trabalho –, a frequência à escola e a escolaridade média, com o objetivo de ilustrar/corroborar algumas conclusões acerca dos perfis de gasto. Na tabela 11 encontram-se esses indicadores, que mostram as diferenças entre os grupos em que os adolescentes têm presença significativa.

TABELA 11

Características da população de 11 a 20 anos, participação de alguns itens e subitens no orçamento e recebimento familiar mensal per capita, segundo grupos familiares selecionados, 1995-1996

GRUPOS	Adolescentes					% nas despesas de consumo					Recebimento familiar mensal per capita
	% Família	% com recebimento	% Frequência à escola	Anos de estudo	Idade média	Cursos regulares	Alimentação fora	Recreação e cultura	Outros cursos	Transporte urbano	
1	31,18	19,8	87,1	7,1	15,2	5,22	4,22	3,84	1,05	2,96	690,66
5	30,62	23,1	74,5	5,7	15,3	1,48	1,97	2,01	0,53	7,57	204,33
9	32,54	28,1	70,3	5,0	15,5	2,13	7,00	3,05	0,82	8,69	140,51
10	32,56	31,5	71,0	6,2	15,9	2,93	16,91	3,95	0,80	10,37	280,69
Média	16,83	23,9	75,0	6,1	15,4	3,14	4,97	3,55	0,77	4,38	444,94

Fonte: POF 1995-1996 – IBGE. Elaboração dos autores.

Considerando os grupos em que a proporção de adolescentes chega a mais de 30% das pessoas das famílias, verifica-se que naqueles de menor renda há maior participação desses jovens no mercado de trabalho, enquanto no grupo mais rico (grupo 1) é maior a presença de jovens na escola.

Concretamente, enquanto nos grupos 5, 9 e 10 cerca de 30% dos jovens apresentam alguma fonte de recebimento, no grupo 1 tal participação é de 20%. Quanto à frequência escolar, nos três grupos pobres cerca de 70% dos jovens encontram-se na escola, em relação à participação de quase 90% no grupo rico. Verifica-se, ademais, clara correlação entre o nível de renda e a escolaridade dos jovens, bem como entre renda e percentual de gastos em cursos regulares.

Em relação à composição dos gastos, chamam especial atenção os grupos 9 e 10, particularmente o último, em que parcela importante dos jovens encontra-se inserida no mercado de trabalho, o que implica maiores participações dos gastos com transporte urbano e alimentação fora do domicílio. Nesses grupos nota-se, também, que os gastos com “outros cursos” têm participação no orçamento semelhante à do grupo de maior renda (grupo 1).

Os gastos com “transportes” apresentam-se bastante idiossincráticos entre os grupos. Sua subdivisão entre as despesas com “transportes urbanos” ou com “veículo próprio”, entretanto, mostra-se intimamente ligada à renda familiar – famílias de alta renda costumam ter gasto significativo com o “veículo próprio” e as de baixa renda com os “transportes urbanos”.

Vale ainda observar dois aspectos interessantes que escapam ao comportamento mais geral das variáveis observadas: o fumo, ao assumir proporção razoável do orçamento das famílias pobres, revela que estas poderiam direcionar uma parte maior de sua renda para despesas mais “nobres”, como a diversificação alimentar, os gastos com educação, recreação e cultura, fator que poderia ser alvo mais explícito de campanha governamental; os gastos com “cerimônias familiares e religiosas” tendem a ser relevantes para famílias ricas e idosas ou pobres.

ANEXOS

TABELA A1

Despesa média mensal familiar per capita, por grupos familiares, segundo grupos e sub-grupos de despesa – 1995-1996

(R\$ de setembro de 1996)

Grupos familiares (Clusters)	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Geral
Alimentação	82,3	90,28	102,7	62,27	46,6	86,23	90,88	30,39	37,88	54,31	64,36
Cesta	36,76	19,86	44,28	30,86	29,65	47,44	42,89	21,23	21,15	16,99	29,74
Habituação	107,9	135,05	161,04	94,33	41,28	154,96	105,29	17,22	20,28	40,14	77,74
Aluguel	18,31	37,17	47,77	24,81	9,67	13,85	14,72	3,96	2,74	9,07	16,97
Impostos e taxas	42,71	45,81	53,8	29,24	14,67	74,4	49,45	4,81	6,8	14,44	28,59
Manutenção do lar	17,49	18,69	18,04	13,78	3,21	48,67	19,14	1,47	2,14	3,26	11,1
Artigos de limpeza	2,53	1,2	3,97	2,52	1,85	2	3,58	1,17	1,26	0,81	2,05
Mobiliários e artigos do lar	10,61	13,53	12,5	9,62	4,06	4,08	7,72	1,93	2,86	4,26	7,27
Eletrodomésticos, equip.do lar e som e tv	13,99	16,55	22,06	12,89	6,86	8,54	8,19	3,49	3,85	7,18	10,21
Conserto e manutenção de artigos do lar	2,26	2,09	2,9	1,47	0,95	3,41	2,48	0,4	0,63	1,12	1,56
Vestuário	26,43	32,58	31,05	19,3	10,35	12,95	17,61	5,26	8,74	14,8	17,9
Roupa de homem	6,4	7,61	7,62	3,49	2,16	2,6	4,22	0,92	2,12	4,08	4,1
Roupa de mulher	7,31	10,36	9,04	4,23	3,01	4,83	5,34	1,04	2,23	3,49	4,95
Roupa de criança	2,77	4,25	2,44	5,68	1,07	0,99	1,73	1,28	1,08	1,18	2,39
Calçados e outros apetrechos	7,29	7,26	8,33	4,59	3,28	3,46	4,48	1,69	2,72	5,02	4,85
Jóias e bijuterias	1,64	2,29	2,23	0,88	0,46	0,49	1,21	0,19	0,34	0,6	1,03
Tecidos e armarinhos	1,02	0,81	1,4	0,43	0,36	0,57	0,63	0,14	0,24	0,43	0,59
Transporte	58,13	78,36	61,84	37,29	17,56	38,15	40,48	7,43	13,66	32,19	37,42
Urbano	11,74	17,19	19,76	8,78	11,27	5,58	12,65	6,3	9,08	19,74	11,92
Veículo próprio (gasolina)	12,15	15,41	10,45	7,03	1,78	6,36	7,39	0,24	1,41	3,1	6,53
Veículo próprio (álcool)	4,25	4,24	3,86	2,84	0,44	1,23	2,08	0,03	0,06	1,25	2,13
Veículo próprio (manutenção)	13,47	14,12	10,15	7,81	1,88	9,07	6,67	0,43	1,69	3,79	6,85
Viagens	6,75	11,93	9,25	4,65	1,29	9,43	5,46	0,35	0,98	2,55	4,57
Outros	9,76	15,46	8,37	6,17	0,9	6,47	6,23	0,08	0,44	1,76	5,42
Higiene e cuidados pessoais	7,65	7,23	10,01	5,2	3,78	3,08	5,93	1,87	2,73	3,67	5,2
Perfume	1,98	2,6	2,91	1,24	1,04	1,11	1,55	0,64	0,9	1,63	1,52
Creme para pele e bronzeador	1,03	1,28	1,33	0,75	0,42	0,25	0,86	0,15	0,29	0,49	0,7
Papel higiênico	0,71	0,32	0,9	0,55	0,43	0,52	0,78	0,2	0,33	0,15	0,49
Outros	3,93	3,03	4,87	2,66	1,89	1,19	2,73	0,87	1,21	1,4	2,49
Assistência a saúde	36,71	35,02	40,43	25,23	11,61	80,76	50,7	3,84	6,48	13,32	24,61
Remédios	8,04	8,25	11,69	5,92	5,59	26,83	15,28	2,3	3,19	4,94	7,09
Seguro saúde	11,96	11,21	11,84	8,68	2	24,7	14,29	0,33	0,88	3,19	7,19
Tratamento dentário	6,98	6,55	4,5	4,56	1,08	4,83	5,48	0,2	0,69	2,59	3,69
Consulta médica	1,35	1,1	1,66	1,44	0,37	5,48	2,37	0,07	0,21	0,3	1
Hospitalização	0,67	0,97	1,34	0,45	0,18	0,68	1,85	0,03	0,01	0,19	0,54
Óculos e lentes	1,05	0,99	1,77	0,43	0,33	1,51	0,71	0,08	0,15	0,5	0,64
Outras	6,66	5,96	7,63	3,75	2,07	16,73	10,71	0,84	1,36	1,6	4,46
Educação	29,81	20,45	12,5	17,56	4,29	1,93	12,08	1,41	4,18	8,84	13,29
Cursos reg. 1º, 2º e 3º graus e pré-escolar	20,67	12,63	6,21	11,81	2,2	1,47	7,29	0,62	2,23	5,58	8,54
Outros cursos	4,15	3,81	4,11	1,72	0,79	0,31	2,18	0,11	0,86	1,52	2,09
Livros e revistas técnicas	0,47	0,46	0,31	0,15	0,03	0	0,1	0,01	0,06	0,16	0,2
Outras	4,52	3,55	1,87	3,89	1,26	0,15	2,52	0,68	1,02	1,58	2,46
Recreação e Cultura	15,21	20,36	17,51	11,57	2,99	7,68	11,63	1,2	3,19	7,52	9,64
Brinquedos e Jogos	1,92	2,65	1,69	3,34	0,5	2,01	1,72	0,45	0,48	0,59	1,48
Discos e fitas	0,14	0,25	0,23	0,11	0,12	0,04	0,15	0,08	0,12	0,14	0,14
Outras	13,14	17,47	15,6	8,12	2,37	5,63	9,76	0,67	2,6	6,79	8,02
Fumo	4,18	6,54	6,46	3,34	3,09	2,47	3,45	2,26	2,32	4,71	3,81
Serviços pessoais	6,15	8,07	8,32	4,24	2,35	8,18	6,91	0,84	1,66	3,17	4,42
Cabeleireiro	3,59	4,54	4,82	2,5	1,52	5,28	3,87	0,64	1,18	2,22	2,65
Manicuro e pedicuro	1,43	1,94	1,67	0,89	0,35	2,23	1,49	0,08	0,24	0,42	0,92
Outras	1,12	1,6	1,84	0,85	0,48	0,67	1,55	0,11	0,25	0,53	0,85
Despesas diversas	21,52	28,06	29,46	12,06	4,98	27,69	16,97	1,51	3,33	7,75	13,46
Cerimônias familiares e religiosas	3,48	3,24	3,96	2,17	0,96	8,25	1,86	0,3	0,76	1,15	2,07
Serviços de cartórios e de profissionais	5,27	4,56	5,38	2,37	0,79	2,72	3,26	0,19	0,28	1,38	2,61
Outras	12,77	20,26	20,12	7,52	3,23	16,72	11,85	1,02	2,3	5,22	8,78
Despesas de Consumo	395,99	462,01	481,32	292,40	148,87	424,08	361,93	73,23	104,46	190,41	271,86
Desembolso Global	566,88	688,24	691,78	436,73	174,94	566,55	533,45	82,91	126,32	238,68	380,81
Recebimento	690,66	757,96	797,25	477,55	204,33	772,35	672,07	82,90	140,51	280,69	444,94

Fonte: POF 1995-1996. Elaboração dos autores.

TABELA A2

Percentual da despesa média mensal familiar per capita, por grupos familiares, segundo grupos e sub-grupos de despesa – 1995/1996¹

(Em%)

Grupos familiares (Clusters)	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Geral
Alimentação	20,8	19,5	21,3	21,3	31,3	20,3	25,1	41,5	36,3	28,5	23,7
Cesta	44,7	22,0	43,1	49,6	63,6	55,0	47,2	69,9	55,8	31,3	46,2
Habituação	27,2	29,2	33,5	32,3	27,7	36,5	29,1	23,5	19,4	21,1	28,6
Aluguel	17,0	27,5	29,7	26,3	23,4	8,9	14,0	23,0	13,5	22,6	21,8
Impostos e taxas	39,6	33,9	33,4	31,0	35,5	48,0	47,0	27,9	33,5	36,0	36,8
Manutenção do lar	16,2	13,8	11,2	14,6	7,8	31,4	18,2	8,5	10,6	8,1	14,3
Artigos de limpeza	2,3	0,9	2,5	2,7	4,5	1,3	3,4	6,8	6,2	2,0	2,6
Mobiliários e artigos do lar	9,8	10,0	7,8	10,2	9,8	2,6	7,3	11,2	14,1	10,6	9,4
Eletrodomésticos, equip.do lar e som e tv	13,0	12,3	13,7	13,7	16,6	5,5	7,8	20,3	19,0	17,9	13,1
Conserto e manutenção de artigos do lar	2,1	1,5	1,8	1,6	2,3	2,2	2,4	2,3	3,1	2,8	2,0
Vestuário	6,7	7,1	6,5	6,6	7,0	3,1	4,9	7,2	8,4	7,8	6,6
Roupa de homem	24,2	23,4	24,5	18,1	20,9	20,1	24,0	17,5	24,3	27,6	22,9
Roupa de mulher	27,7	31,8	29,1	21,9	29,1	37,3	30,3	19,8	25,5	23,6	27,7
Roupa de criança	10,5	13,0	7,9	29,4	10,3	7,6	9,8	24,3	12,4	8,0	13,4
Calçados e outros apetrechos	27,6	22,3	26,8	23,8	31,7	26,7	25,4	32,1	31,1	33,9	27,1
Jóias e bijuterias	6,2	7,0	7,2	4,6	4,4	3,8	6,9	3,6	3,9	4,1	5,8
Tecidos e armarinhos	3,9	2,5	4,5	2,2	3,5	4,4	3,6	2,7	2,7	2,9	3,3
Transporte	14,7	17,0	12,8	12,8	11,8	9,0	11,2	10,1	13,1	16,9	13,8
Urbano	20,2	21,9	32,0	23,5	64,2	14,6	31,3	84,8	66,5	61,3	31,9
Veículo próprio (gasolina)	20,9	19,7	16,9	18,9	10,1	16,7	18,3	3,2	10,3	9,6	17,5
Veículo próprio (álcool)	7,3	5,4	6,2	7,6	2,5	3,2	5,1	0,4	0,4	3,9	5,7
Veículo próprio (manutenção)	23,2	18,0	16,4	20,9	10,7	23,8	16,5	5,8	12,4	11,8	18,3
Viagens	11,6	15,2	15,0	12,5	7,3	24,7	13,5	4,7	7,2	7,9	12,2
Outros	16,8	19,7	13,5	16,5	5,1	17,0	15,4	1,1	3,2	5,5	14,5
Higiene e cuidados pessoais	1,9	1,6	2,1	1,8	2,5	0,7	1,6	2,6	2,6	1,9	1,9
Perfume	25,9	36,0	29,1	23,8	27,5	36,0	26,1	34,2	33,0	44,4	29,2
Creme para pele e bronzeador	13,5	17,7	13,3	14,4	11,1	8,1	14,5	8,0	10,6	13,4	13,5
Papel higiênico	9,3	4,4	9,0	10,6	11,4	16,9	13,2	10,7	12,1	4,1	9,4
Outros	51,4	41,9	48,7	51,2	50,0	38,6	46,0	46,5	44,3	38,1	47,9
Assistência a saúde	9,3	7,6	8,4	8,6	7,8	19,0	14,0	5,2	6,2	7,0	9,1
Remédios	21,9	23,6	28,9	23,5	48,1	33,2	30,1	59,9	49,2	37,1	28,8
Seguro-saúde	32,6	32,0	29,3	34,4	17,2	30,6	28,2	8,6	13,6	23,9	29,2
Tratamento dentário	19,0	18,7	11,1	18,1	9,3	6,0	10,8	5,2	10,6	19,4	15,0
Consulta médica	3,7	3,1	4,1	5,7	3,2	6,8	4,7	1,8	3,2	2,3	4,1
Hospitalização	1,8	2,8	3,3	1,8	1,6	0,8	3,6	0,8	0,2	1,4	2,2
Oculos e lentes	2,9	2,8	4,4	1,7	2,8	1,9	1,4	2,1	2,3	3,8	2,6
Outras	18,1	17,0	18,9	14,9	17,8	20,7	21,1	21,9	21,0	12,0	18,1
Educação	7,5	4,4	2,6	6,0	2,9	0,5	3,3	1,9	4,0	4,6	4,9
Cursos reg. 1º, 2º e 3º graus e pré-escolar	69,3	61,8	49,7	67,3	51,3	76,2	60,3	44,0	53,3	63,1	64,3
Outros cursos	13,9	18,6	32,9	9,8	18,4	16,1	18,0	7,8	20,6	17,2	15,7
Livros e revistas técnicas	1,6	2,2	2,5	0,9	0,7	0,0	0,8	0,7	1,4	1,8	1,5
Outras	15,2	17,4	15,0	22,2	29,4	7,8	20,9	48,2	24,4	17,9	18,5
Recreação e Cultura	3,8	4,4	3,6	4,0	2,0	1,8	3,2	1,6	3,1	3,9	3,5
Brinquedos e Jogos	12,6	13,0	9,7	28,9	16,7	26,2	14,8	37,5	15,0	7,8	15,4
Discos e fitas	0,9	1,2	1,3	1,0	4,0	0,5	1,3	6,7	3,8	1,9	1,5
Outras	86,4	85,8	89,1	70,2	79,3	73,3	83,9	55,8	81,5	90,3	83,2
Fumo	1,1	1,4	1,3	1,1	2,1	0,6	1,0	3,1	2,2	2,5	1,4
Serviços pessoais	1,6	1,7	1,7	1,5	1,6	1,9	1,9	1,1	1,6	1,7	1,6
Cabeleireiro	58,4	56,3	57,9	59,0	64,7	64,5	56,0	76,2	71,1	70,0	60,0
Manicuro e pedicuro	23,3	24,0	20,1	21,0	14,9	27,3	21,6	9,5	14,5	13,2	20,8
Outras	18,2	19,8	22,1	20,0	20,4	8,2	22,4	13,1	15,1	16,7	19,2
Despesas diversas	5,4	6,1	6,1	4,1	3,3	6,5	4,7	2,1	3,2	4,1	5,0
Cerimônias familiares e religiosas	16,2	11,5	13,4	18,0	19,3	29,8	11,0	19,9	22,8	14,8	15,4
Serviços de cartórios e de profissionais	24,5	16,3	18,3	19,7	15,9	9,8	19,2	12,6	8,4	17,8	19,4
Outras	59,3	72,2	68,3	62,4	64,9	60,4	69,8	67,5	69,1	67,4	65,2
Participação das despesas de consumo no desembolso global	69,9	67,1	69,6	67,0	85,1	74,9	67,8	88,3	82,7	79,8	71,4
Participação do desembolso global no recebimento	82,1	90,8	86,8	91,5	85,6	73,4	79,4	100,0	89,9	85,0	85,6

Fonte: POF 1995-1996. Elaboração dos autores.

Nota: ¹ A participação dos grupos refere-se às despesas de consumo e a dos sub-grupos ao gasto por grupo de despesa.

TABELA A3

Recebimento médio mensal familiar per capita, por grupos familiares, segundo a origem do recebimento – 1995-1996

(R\$ de setembro de 1996)

Grupos familiares (Clusters)	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Geral
Rendimento do Trabalho	542,21	604,24	584,05	400,54	153,00	158,46	307,37	74,06	117,49	241,72	329,53
Empregado	341,68	422,60	415,11	272,26	107,63	86,16	216,99	50,46	88,17	163,27	222,29
Empregador	63,42	63,94	50,37	30,01	1,66	30,57	20,41	0,59	2,41	12,73	28,20
Conta própria	137,10	117,71	118,57	98,27	43,71	41,73	69,97	23,02	26,91	65,72	79,03
Transferência	66,79	77,42	95,42	16,12	37,21	464,95	256,00	7,55	19,88	23,61	64,24
Aposentadoria previdência pública	40,20	49,14	53,21	8,07	27,13	389,80	214,45	5,06	14,42	16,01	45,79
Aposentadoria previdência privada	9,13	10,73	13,40	0,63	3,96	40,29	27,50	0,36	2,70	1,31	7,31
Bolsa de estudo	0,40	1,36	2,09	0,46	0,09	-	0,42	0,01	0,04	0,37	0,46
Pensão alimentícia, mesada e doação	7,41	13,57	18,79	4,84	5,11	34,85	12,71	1,63	1,77	4,08	7,34
Transferência transitória	9,66	2,63	7,92	2,13	0,91	0,01	0,92	0,49	0,95	1,84	3,35
Rendimento de Aluguel	28,08	11,70	31,48	7,67	4,59	63,27	31,02	0,43	0,84	5,75	13,90
Aluguel de bens imóveis	27,01	10,73	29,75	4,84	3,51	58,34	27,73	0,42	0,53	5,19	12,61
Aluguel de bens móveis	1,07	0,97	1,73	2,82	1,08	4,94	3,29	0,01	0,31	0,57	1,29
Outros recebimentos	53,58	64,60	86,30	53,22	9,54	85,66	77,69	0,86	2,30	9,60	37,27
Vendas esporádicas	19,39	30,17	32,94	23,25	1,54	43,74	12,89	0,23	1,08	2,56	13,37
Empréstimos	1,08	1,38	2,00	1,00	0,17	0,34	0,27	0,05	0,27	0,36	0,68
Aplicações de capital	28,31	30,57	48,43	25,91	7,45	40,99	61,82	0,52	0,74	6,17	21,19
Outros	4,80	2,47	2,92	3,05	0,37	0,58	2,71	0,07	0,21	0,50	2,03
Recebimento Total	690,66	757,96	797,25	477,55	204,33	772,35	672,07	82,90	140,51	280,69	444,94

Fonte: POF 1995-1996. Elaboração dos autores.

TABELA A4

Percentual do recebimento médio mensal familiar per capita, por grupos familiares, segundo a origem do recebimento – 1995-1996¹

(Em %)

Grupos familiares (Clusters)	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Geral
Rendimento do Trabalho	78,5	79,7	73,3	83,9	74,9	20,5	45,7	89,3	83,6	86,1	74,1
Empregado	63,0	69,9	71,1	68,0	70,3	54,4	70,6	68,1	75,0	67,5	67,5
Empregador	11,7	10,6	8,6	7,5	1,1	19,3	6,6	0,8	2,1	5,3	8,6
Conta própria	25,3	19,5	20,3	24,5	28,6	26,3	22,8	31,1	22,9	27,2	24,0
Transferência	9,7	10,2	12,0	3,4	18,2	60,2	38,1	9,1	14,1	8,4	14,4
Aposentadoria previdência pública	60,2	63,5	55,8	50,1	72,9	83,8	83,8	67,0	72,5	67,8	71,3
Aposentadoria previdência privada	13,7	13,9	14,0	3,9	10,6	8,7	10,7	4,8	13,6	5,5	11,4
Bolsa de estudo	0,6	1,8	2,2	2,9	0,2	-	0,2	0,1	0,2	1,6	0,7
Pensão alimentícia, mesada e doação	11,1	17,5	19,7	30,0	13,7	7,5	5,0	21,6	8,9	17,3	11,4
Transferência transitória	14,5	3,4	8,3	13,2	2,4	0,0	0,4	6,5	4,8	7,8	5,2
Rendimento de Aluguel	4,1	1,5	3,9	1,6	2,2	8,2	4,6	0,5	0,6	2,0	3,1
Aluguel de bens imóveis	96,2	91,7	94,5	63,1	76,5	92,2	89,4	97,7	63,1	90,3	90,7
Aluguel de bens móveis	3,8	8,3	5,5	36,8	23,5	7,8	10,6	2,3	36,9	9,9	9,3
Outros recebimentos	7,8	8,5	10,8	11,1	4,7	11,1	11,6	1,0	1,6	3,4	8,4
Vendas esporádicas	36,2	46,7	38,2	43,7	16,1	51,1	16,6	26,7	47,0	26,7	35,9
Empréstimos	2,0	2,1	2,3	1,9	1,8	0,4	0,3	5,8	11,7	3,8	1,8
Aplicações de capital	52,8	47,3	56,1	48,7	78,1	47,9	79,6	60,5	32,2	64,3	56,9
Outros	9,0	3,8	3,4	5,7	3,9	0,7	3,5	8,1	9,1	5,2	5,4
Recebimento Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: POF 1995-1996. Elaboração dos autores.

Nota: ¹A participação da origem do recebimento refere-se ao seu total e, no caso dos subtipos de origem, sua participação está relacionada ao tipo correspondente. Por exemplo, na média dos grupos 74,1% do recebimento provém dos rendimentos do trabalho, sendo que destes 67,5% devem-se aos ganhos de empregados.

Ordenação das proporções dos gastos médios com os itens de despesa no consumo em geral, por grupo de famílias e para a população em geral

Grupo 1			Grupo 2			Grupo 3		
1ª	Habituação	27,2%	Habituação	29,2%	Habituação	33,5%		
2ª	Alimentação	20,8%	Alimentação	19,5%	Alimentação	21,3%		
3ª	Transporte	14,7%	Transporte	17,0%	Transporte	12,8%		
4ª	Assistência à saúde	9,3%	Assistência à saúde	7,6%	Assistência à saúde	8,4%		
5ª	Educação	7,5%	Vestuário	7,1%	Vestuário	6,5%		
6ª	Vestuário	6,7%	Despesas diversas	6,1%	Despesas diversas	6,1%		
7ª	Despesas diversas	5,4%	Educação	4,4%	Recreação e cultura	3,6%		
8ª	Recreação e cultura	3,8%	Recreação e cultura	4,4%	Educação	2,6%		
9ª	Higiene e cuidados pessoais	1,9%	Serviços pessoais	1,7%	Higiene e cuidados pessoais	2,1%		
10ª	Serviços pessoais	1,6%	Higiene e cuidados pessoais	1,6%	Serviços pessoais	1,7%		
11ª	Fumo	1,1%	Fumo	1,4%	Fumo	1,3%		
Grupo 4			Grupo 5			Grupo 6		
1ª	Habituação	32,3%	Alimentação	31,3%	Habituação	36,5%		
2ª	Alimentação	21,3%	Habituação	27,7%	Alimentação	20,3%		
3ª	Transporte	12,8%	Transporte	11,8%	Assistência à saúde	19,0%		
4ª	Assistência à saúde	8,6%	Assistência à saúde	7,8%	Transporte	9,0%		
5ª	Vestuário	6,6%	Vestuário	7,0%	Despesas diversas	6,5%		
6ª	Educação	6,0%	Despesas diversas	3,3%	Vestuário	3,1%		
7ª	Despesas diversas	4,1%	Educação	2,9%	Serviços pessoais	1,9%		
8ª	Recreação e cultura	4,0%	Higiene e cuidados pessoais	2,5%	Recreação e cultura	1,8%		
9ª	Higiene e cuidados pessoais	1,8%	Fumo	2,1%	Higiene e cuidados pessoais	0,7%		
10ª	Serviços pessoais	1,5%	Recreação e cultura	2,0%	Fumo	0,6%		
11ª	Fumo	1,1%	Serviços pessoais	1,6%	Educação	0,5%		
Grupo 7			Grupo 8			Grupo 9		
1ª	Habituação	29,1%	Alimentação	41,5%	Alimentação	36,3%		
2ª	Alimentação	25,1%	Habituação	23,5%	Habituação	19,4%		
3ª	Assistência à saúde	14,0%	Transporte	10,1%	Transporte	13,1%		
4ª	Transporte	11,2%	Vestuário	7,2%	Vestuário	8,4%		
5ª	Vestuário	4,9%	Assistência à saúde	5,2%	Assistência à saúde	6,2%		
6ª	Despesas diversas	4,7%	Fumo	3,1%	Educação	4,0%		
7ª	Educação	3,3%	Higiene e cuidados pessoais	2,6%	Despesas diversas	3,2%		
8ª	Recreação e cultura	3,2%	Despesas diversas	2,1%	Recreação e cultura	3,1%		
9ª	Serviços pessoais	1,9%	Educação	1,9%	Higiene e cuidados pessoais	2,6%		
10ª	Higiene e cuidados pessoais	1,6%	Recreação e cultura	1,6%	Fumo	2,2%		
11ª	Fumo	1,0%	Serviços pessoais	1,1%	Serviços pessoais	1,6%		
Grupo 10			Média					
1ª	Alimentação	28,5%	Habituação	28,6%				
2ª	Habituação	21,1%	Alimentação	23,7%				
3ª	Transporte	16,9%	Transporte	13,8%				
4ª	Vestuário	7,8%	Assistência à saúde	9,1%				
5ª	Assistência à saúde	7,0%	Vestuário	6,6%				
6ª	Educação	4,6%	Despesas diversas	5,0%				
7ª	Despesas diversas	4,1%	Educação	4,9%				
8ª	Recreação e cultura	3,9%	Recreação e cultura	3,5%				
9ª	Fumo	2,5%	Higiene e cuidados pessoais	1,9%				
10ª	Higiene e cuidados pessoais	1,9%	Serviços pessoais	1,6%				
11ª	Serviços pessoais	1,7%	Fumo	1,4%				

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIAS, A. R. **Estimativas de indigência e pobreza no Brasil no período 1990/1996**: resumo metodológico e resultados. Ipea: Brasília, 1999, mimeo (Documento preparado no âmbito do Projeto Rede de Pesquisa e Desenvolvimento de Políticas Públicas).
- BACHA, E. **Os mitos de uma década**: ensaios de economia brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- CEPAL. **Brasil**: canastas básicas de alimentos y determinación de las líneas de indigência y pobreza. Santiago: Cepal, 1989. 43p. *Mimeo*.
- EVERITT, B. S. **Cluster analysis**. Nova York: Halsted Press, 1993.
- HOFFMANN, R. **Componentes principais e análise fatorial**. Piracicaba: Esalq/USP, n. 90, 1999 (Série Didática).
- KAGEYAMA, A.; LEONE, E. T. **Uma tipologia dos municípios paulistas com base em indicadores sociodemográficos**. Campinas: IE/Unicamp, 1999 (Texto para Discussão n. 66).
- KAGEYAMA, A. **Uma tipologia dos domicílios agrícolas no Brasil em 1995**. Campinas: IE/Unicamp, 1999 (Texto para Discussão n. 70).
- MORAIS, M. da P.; CRUZ, B. O.; OLIVEIRA, C. W. A. Residential segregation and social exclusion in brazilian housing markets. **Annual Meeting of the Latin American Regional Economics Society**, 2001.
- ROCHA, S. **Renda e pobreza**: medidas *per capita* versus adulto-equivalente. Rio de Janeiro: Ipea, 1998 (Texto para Discussão n. 609).

EDITORIAL

Gerente

Silvânia de Araujo Carvalho

Revisão

Luciana Soares Sargio

Sarah Pontes

Constança de Almeida Lazarin (estagiária)

Fábio Marques Rezende (estagiário)

Editoração

Iranilde Rego

Aeromilson Mesquita

Elidiane Bezerra Borges

Roberto Astorino

Reprodução Gráfica

Antônio Lucena de Oliveira

Edilson Cedro Santos

Apoio Administrativo

Tânia Oliveira de Freitas

Wagner da Silva Oliveira

Divulgação

Equipe

Edinaldo dos Santos

Geraldo Nogueira Luiz

José Carlos Tofetti

Luiz Gonçalves Bezerra

Mauro Ferreira

Orcilei de Fátima da Silva

Brasília

SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES,

10º andar – 70076-900 – Brasília – DF

Fone: (61) 315-5336

Fax: (61) 315-5314

Correio eletrônico: editbsb@ipea.gov.br

Rio de Janeiro

Av. Presidente Antônio Carlos, 51,

14º andar – 20020-010 – Rio de Janeiro – RJ

Fone: (21) 3804-8118

Fax: (21) 2220-5533

Correio eletrônico: editrj@ipea.gov.br

URL: <http://www.ipea.gov.br>

ISSN 1415-4765

Tiragem: 130 exemplares